



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR  
**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

**Ao:** DPF FILIPE HILLE PACE

**Do:** APF RODRIGO PRADO PEREIRA

**REF:** RE 11/2018

**Assunto:** Transcrição – Reunião “GRUPO FUTURO” – CONSÓRCIO BELO MONTE

Senhor Delegado,

Esta INFORMAÇÃO POLICIAL tem o objetivo de encaminhar a Vossa Excelência o resultado parcial das diligências realizadas com o objetivo de reanalisar o material apreendido no âmbito da Operação Lava Jato – ALETHEIA – 24ª fase – a fim de corroborar ou não as informações prestadas pelo criminoso colaborador ANTONIO PALOCCI FILHO, através dos termos de colaboração lavrados em decorrência do acordo celebrado e homologado com a POLÍCIA FEDERAL.



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

Informo a Vossa Excelência que durante as diligências de reanálise dos materiais apreendidos no âmbito da Operação Lava Jato – 24ª etapa – denominada “ALETHEIA”, identificou-se arquivo de texto que possivelmente tem caráter relevante às investigações.

O referido arquivo está armazenado no MATERIAL Nº 2056/16, o qual foi objeto do LAUDO Nº 776/2016 – SETEC/SR/PF/PR, AUTO DE APREENSÃO DE MÍDIA Nº 267/16, IPL 2269/2015, LJ24 – SP16, Mandado de Busca e Apreensão nº 700001628049, Pedido de Busca e Apreensão nº 5006617-29.2016.4.04.7000/PR.

A análise inicial identificou que o arquivo de texto em questão contém a transcrição de reunião denominada “**GRUPO FUTURO**”, na data de 02/09/2013, na qual participaram o ex-Presidente LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, além de outras pessoas vinculadas a ele e ao INSTITUTO LULA.

Identificou-se que em determinado momento da transcrição, LULA comenta sobre a constituição do CONSÓRCIO de BELO MONTE. O referido assunto foi objeto do TERMO DE COLABORAÇÃO Nº 05 do criminoso colaborador ANTONIO PALOCCI FILHO, prestado na data de 13 de abril de 2018.

Sustenta o criminoso colaborador que LULA tinha conhecimento do cartel de empreiteiras investigado no âmbito da OPERAÇÃO LAVA JATO e que à época do processo de licitação e construção da USINA HIDRELÉTRICA DE BELO MONTE, buscou uma alternativa para redução de preços.

Sustenta ainda que LULA teve a ideia de criar um consórcio alternativo para concorrer com o único consórcio até então inscrito, porém que tinha plena consciência de que esse consórcio alternativo não possuía capacidade técnica de executar a obra.

Discorre que no decorrer ao final do processo, LULA exigiu que as empresas repassassem percentual de recursos financeiros para o consórcio alternativo idealizado por ele. De acordo com o colaborador, esses recursos deveriam ser repassados à JOSE CARLOS BUMLAI e DELFIM NETO. O criminoso colaborador declara que os valores que seriam destinados à BUMLAI eram possivelmente em parte destinados aos interesses do próprio LULA.

Seguem os trechos em questão declarados pelo criminoso colaborador e que foram utilizados para compor a tese supracitada.

*“QUE OTÁVIO manifestava preocupação com o fato de que o Governo Federal estaria formando um consórcio próprio com diversas empresas de menor porte do que a ANDRADE GUTIERREZ e que*



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

*o preço oferecido por eles seria inferior ao do consórcio liderado pela ANDRADE; QUE o Governo, segundo OTÁVIO, tinha solicitado a ANTONIO DELFIM NETO e JOSE CARLOS BUMLAI que articulassem a formação de um consórcio concorrente; (transcrição do TERMO DE COLABORAÇÃO Nº 05 – ANTONIO PALOCCI FILHO - página 02 – GRIFO NOSSO)*

*“QUE ERENICE confirmou basicamente todas as palavras de OTÁVIO AZEVEDO, obviamente que na visão que o Governo tinha da conjuntura; QUE o Governo sabia da cartelização das empresas privadas e que a ANDRADE GUTIERREZ era a líder do consórcio que venceria a licitação; QUE o Governo Federal não estava gostando daquelas pretensões da ANDRADE; QUE, com apoio de BUMLAI e DELFIM NETO, o Governo estava constituindo consórcio alternativo para forçar a queda dos preços; QUE, segundo ERENICE relatou, havia a ciência de que o consórcio formado pelo Governo Federal não tinha capacidade para executar a obra; (transcrição do TERMO DE COLABORAÇÃO Nº 05 – ANTONIO PALOCCI FILHO - página 03 – GRIFO NOSSO)*

*“QUE, dias depois do encontro com VACCARI, o COLABORADOR recebe chamado de LULA para reunião ocorrida no INSTITUTO LULA; QUE, no encontro, fazia-se também presente JOSE CARLOS BUMLAI; QUE LULA demonstrava irritação com a posição de DILMA ROUSSEF de não se cobrar valores ao PT pela UHE BELO MONTE; QUE LULA desejava explicações; QUE LULA manifestou ao COLABORADOR desejo de que ele ajudasse JOÃO VACCARI NETO; QUE LULA explica ao COLABORADOR que havia necessidade de se remunerar as pessoas que ajudaram na formação do consórcio vencedor de BELO MONTE, ou seja, ANTONIO DELFIM NETO e o próprio BUMLAI; QUE LULA informou que a formação do consórcio alternativo partira de ordem dele próprio; QUE LULA insistia que deveriam ser pagos em virtude da atuação de DELFIM NETO e BUMLAI na formação do consórcio vencedor; QUE LULA informou que BUMLAI e DELFIM NETO deveriam receber trinta milhões pela formação do consórcio alternativo e que ainda não tinham sido pagos; QUE LULA não informou qual era a parte que seria cabida a cada um, mas na visão do COLABORADOR, a presença de BUMLAI significava que havia interesses também de LULA no recebimento dos valores; (transcrição do TERMO DE COLABORAÇÃO Nº 05 – ANTONIO PALOCCI FILHO - página 08 – GRIFO NOSSO)*

*“QUE pela presença de BUMLAI na reunião, confirmava-se o que posteriormente LULA confidenciou ao COLABORADOR de que também BUMLAI pretendia receber parte dos 30 milhões; QUE os trabalhos de BUMLAI eram feitos, muitas das vezes, para a sustentação da família de LULA; QUE em várias oportunidades BUMLAI solicitava ao COLABORADOR recursos para atender aos projetos dos filhos de LULA; QUE não achava adequado que BUMLAI desempenhasse atividade em prol de LULA, tendo inclusive exposto sua preocupação ao ex-Presidente; (transcrição do TERMO DE COLABORAÇÃO Nº 05 – ANTONIO PALOCCI FILHO - página 09 – GRIFO NOSSO)*

*“QUE, no mesmo contexto temporal, recorda-se que PAULO OKAMOTO havia solicitado ao COLABORADOR recursos para quitar algumas pendências do INSTITUTO LULA, lembrando-se que tinha pedido cerca de R\$ 4.000.000,00 (quatro milhões) para fechar algum orçamento; QUE PAULO também reitera pedido por valores periódicos em espécie, entre cem a duzentos mil reais, para saldar compromissos; QUE o pedido era antigo, datando de 2011; QUE PAULO OKAMOTO informara que não desejava formalizar todas as despesas do LULA, necessitando de recursos para saldar dívidas do INSTITUTO LULA, do próprio LULA e seus familiares; QUE combinou com MARCELO ODEBRECHT o acerto dos pedidos feitos por PAULO OKAMOTO; QUE como o*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR

INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR

*COLABORADOR estava saindo em viagem ao exterior, combinou que BRANISLAV KONTIC trataria de operacionalizar os compromissos com a ODEBRECHT; QUE soube posteriormente que MARCELO ODEBRECHT pagou os 4 milhões por meio de doação ao INSTITUTO LULA; QUE provavelmente EMILIO ODEBRECHT e MARCELO ODEBRECHT trataram da origem dos compromissos que seriam saldados para efetuar os pagamentos para e no interesse de LULA; QUE MARCELO, e não EMILIO, é quem revelou ao COLABORADOR que os valores seriam devidos pela obra de BELO MONTE;" (transcrição do TERMO DE COLABORAÇÃO Nº 05 – ANTONIO PALOCCI FILHO - página 12 – GRIFO NOSSO)*

A seguir será apresentado o conteúdo do arquivo armazenado no dispositivo apreendido. Consta descrito que 11 pessoas participaram da referida reunião. Segue abaixo a lista.

| REUNIÃO DO GRUPO FUTURO – 2/09/2013 |
|-------------------------------------|
| PARTICIPANTES:                      |
| LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA           |
| CLARA ANT                           |
| PAULO VANNUCHI                      |
| FRANKLIN MARTINS                    |
| PAULO OKAMOTTO                      |
| LUIZ DULCI                          |
| GLAUCO ARBIX                        |
| ANTONIO PALOCCI                     |
| NELSON BARBOSA                      |
| JORGE MATTOSO                       |
| JOSUÉ GOMES                         |

Inicialmente destaca-se a crítica feita por LULA à DILMA pelo fato de que o desempenho da PETROBRAS era diretamente relacionado à gestão dela enquanto Presidente do Conselho da Estatal: ***“Ela gerou um processo de desconfiança que é inacreditável a quantidade de empresários que são fornecedores da Petrobras e que estão quebrados. E não tem desculpa de que a Petrobras fez alguma coisa errada em qualquer momento porque a Dilma era presidente do Conselho, o Guido é presidente do Conselho, a Graça era diretora. ”***

Constam relatos do criminoso colaborador ANTONIO PALOCCI FILHO declarando que LULA criticava o posicionamento de DILMA ao assumir falhas na Estatal, e que durante reuniões na presença de dezenas de pessoas, costumava declarar que a culpa era da própria DILMA pois a mesma era Presidente do Conselho de Administração da PETROBRAS à época. Seguem trechos abaixo.

*“QUE, em meados de 2013, acirrou-se a disputa entre LULA e DILMA e, com o surgimento da Operação LavaJato, ambos começam a discutir abertamente; QUE se recorda de pronunciamento de DILMA*





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR

INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR

*ROUSSEF em 2014, no Estadão, em que ela afirmou que, relativamente ao caso de Pasadena, havia ela, na condição de presidente do Conselho de Administração da PETROBRAS, assinado um parecer técnico e juridicamente falho; QUE aquele pronunciamento de DILMA irritou LULA, uma vez que, em outras palavras, significava que a Presidente da República assumiu a existência de crimes na PETROBRAS;” (transcrição do TERMO DE DEPOIMENTO prestado pelo criminoso colaborador ANTONIO PALOCCI FILHO na data de 13 de agosto de 2018 – página 5 – GRIFO NOSSO)*

*“QUE a respeito da ruptura entre LULA e DILMA, recorda-se o COLABORADOR que, durante o crescimento da Operação Lavajato, DILMA deu corda para o aprofundamento das investigações, uma vez que isso sufocaria e implicaria LULA; QUE, por sua vez, LULA, em movimento reverso, relembra que DILMA era a presidente do Conselho de Administração da estatal na época de grande parte dos fatos apurados, lembranças estas que fazia em diversas reuniões no Instituto na presença de dezenas de pessoas; QUE LULA construía assim sua narrativa, dando recados diretos à DILMA;” (transcrição do TERMO DE DEPOIMENTO prestado pelo criminoso colaborador ANTONIO PALOCCI FILHO na data de 09 de agosto de 2018 – página 4 – GRIFO NOSSO)*

A seguir, consta menção de LULA ao consórcio alternativo idealizado pelo próprio para aumentar a competitividade do processo licitatório da construção da USINA HIDRELÉTRICA DE BELO MONTE. De acordo com o conteúdo armazenado na transcrição, LULA assume a coordenação da estratégia de criar um consórcio alternativo para buscar uma diminuição dos preços: *“Quando nós fomos fazer Belo Monte, as grandes empresas resolveram fazer um boicote: a Odebrecht, a Andrade e Gutierrez, a Camargo Correa. Eu disse para eles 'vocês vão aprender pela primeira vez que, com ou sem vocês, nós vamos fazer. Nós queremos vocês como parceiros, mas não queremos que nós sejamos subordinados a vocês a vida inteira'. E começamos a fazer e eles foram entrando. Agora querem entrar todos.”*

Segue abaixo o trecho em questão.

Poderíamos ter caído 1% a menos do PIB se nós tivéssemos cumprido com nossa obrigação enquanto investimento do Estado. Nelson, você estava no governo quando a Petrobras paralisou, em nome do quê não se sabe. Ela gerou um processo de desconfiança que é inacreditável a quantidade de empresários que são fornecedores da Petrobras e que estão quebrados. E não tem desculpa de que a Petrobras fez alguma coisa errada em qualquer momento porque a Dilma era presidente do Conselho, o Guido é presidente do Conselho, a Graça era diretora. O que houve que de repente parou? Você está lembrado a briga que nós comprávamos no governo para fazer uma refinaria e a Petrobras era contra porque o Brasil não precisava de refinaria.

Outra coisa, o Palocci falou sobre a infraestrutura. Quase todas essas coisas tinham sido pensadas quando a Dilma era candidata e muitas coisas não foram colocadas em prática. O aeroporto do Galeão, que nós anunciamos e desanunciamos porque houve manifestação dos funcionários, com faixa contra a concessão, a Dilma era candidata e nós deixamos para quando passasse as eleições. Por que demoramos tanto tempo para fazer o mesmo do mesmo quando poderia ter sido feito. O que é grave é que o Glauco anunciou que a taxa de retorno seria apenas de 5,5%. A Eletrobras hoje não está fazendo o que deveria porque ela foi





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR

INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR

criada para ser uma indutora também. Quando nós fomos fazer Belo Monte, as grandes empresas resolveram fazer um boicote: a Odebrecht, a Andrade e Gutierrez, a Camargo Correa. Eu disse para eles 'vocês vão aprender pela primeira vez que, com ou sem vocês, nós vamos fazer. Nós queremos vocês como parceiros, mas não queremos que nós sejamos subordinados a vocês a vida inteira'. E começamos a fazer e eles foram entrando. Agora querem entrar todos.

(Franklin) - Na hora que chegou o preço do leilão, foi lá embaixo.

(Presidente Lula) - Desse ponto de vista, houve uma paralisação no governo, governo novo, talvez a imprensa tenha culpa, as pessoas que têm que tomar decisão estão muito subordinadas ao jeito de ser da presidenta. Agora tem que mudar, segundo mandato assim não existirá de novo. É uma percepção da sociedade que vai mudar.

A seguir será apresentado a íntegra do arquivo analisado na presente INFORMAÇÃO DE POLÍCIA JUDICIÁRIA.

## REUNIÃO DO GRUPO FUTURO – 2/09/2013

### PARTICIPANTES:

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

CLARA ANT

PAULO VANNUCHI

FRANKLIN MARTINS

PAULO OKAMOTTO

LUIZ DULCI

GLAUCO ARBIX

ANTONIO PALOCCI

NELSON BARBOSA

JORGE MATTOSO





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR

INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR

JOSUÉ GOMES

**(Clara Ant)** – (início da gravação) da ideia de pensar no bicentenário da Independência, quer dizer, um horizonte de 2022 que foi colocado no seu governo; e sugeriu que poderíamos concluir uma primeira fase do trabalho com um documento indicando o que seria uma nova "Carta ao Povo Brasileiro", como você mencionou aqui. Eu penso que talvez uma das coisas para se fazer é estabelecer o tamanho desse futuro que a gente quer tratar. Exclui o governo da Dilma? É até 2018? É até 2050? A fala do Pochmann na primeira reunião dá o horizonte se você projeta a mudança do perfil demográfico. Em que tamanho do futuro? Porque senão eu temo que a gente possa se voltar muito para a conjuntura e não olhar a conjuntura com uma ideia de projeção para o futuro. Seria importante saber como os integrantes do grupo enxergam essa questão. Temos de pegar um horizonte um pouquinho maior para se chegar no menor. Essa questão seria importante, e ver da sua parte qual é esse horizonte, qual o tamanho desse futuro.

**(Nelsom Barbosa)** - Voltando à questão do (...0:01:42.4) que (...) colocou corretamente, nós temos duas tarefas, uma é explicar o que aconteceu, identificar algumas coisas, algumas interpretações sobre os últimos anos. Eu acho esse trabalho fundamental, mas não é o único trabalho senão você só fica olhando para trás. Uma coisa é ter uma nova análise do que aconteceu (...0:02:08.9) enviesado, está equivocado, e a outra é para frente. Concordo com a Clara. Tem que ser longo porque se for muito curto você vai discutir um problema que no fim das contas (...). Tem que ser no mínimo 10 anos ou senão 20, porque aí você coloca uma coisa maior. Tem tanta coisa, o que eu procurei fazer aqui é dar vários embasamentos para depois isso ser parte de um documento só, feito por várias pessoas. Mas tem que explicar melhor a situação de hoje e falar para frente. São duas coisas que estão ligadas mas o tipo de diálogo que vai fazer é um pouco diferente.

**(Presidente Lula)** - Na primeira reunião eu disse a vocês o seguinte: tanto nós fora do governo como o governo temos falado muito nos últimos 10 anos. Nós estamos pensando num ano que vai ter eleição, você não pode ficar só dando o que já tem, o importante é o que vai fazer. Eu propus que pensássemos até 2022. Lembrando que se a Dilma ganhar o mandato vai até 2018, ou seja, vai para quase 2022. Então não podemos ficar naquele sonho muito futurologista, que todos nós quando vemos (...). Vamos pensar o que nós queremos para o Brasil até 2022. Nós já devemos ter isso. O Pochmann deve ter porque a Secretaria de Assuntos Estratégicos pensou isso com o Gushiken, com o Samuel Pinheiro. É só rever esse documento, Clara. Agora, nós podemos pensar até quando nós quisermos, o que temos de ter clareza é que nós vamos ter um enfrentamento. E qualquer coisa que eu falar para o futuro sai inócuo se eu não responder no ano que vem, em 2014, 2015, 2016, porque é isso que vai fazer o povo decidir as coisas. Isso vai fazer a gente ganhar ou não o debate. Se o cara falar "a Petrobras está fudida" e eu falar "em 2050 ela estará bem" ele vai dizer "em 2050 eu morri". Nós temos uma situação de fato no Brasil, porque a gente aqui não pode virar um bando de pensadores, eminentemente acadêmicos, ou seja, nós aqui temos uma realidade. Qual





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

é a realidade deste país? Todos nós aqui sabemos o seguinte: a economia brasileira, se comparada à economia de muitos países do mundo, não está pior do que nenhum: o PIB não está pior; se você olhar a dívida pública nós estamos quase igual a outros países; a política de inflação está razoavelmente controlada. Agora, nós temos uma percepção de que está tudo um desastre, ou seja, qualquer documento que a gente for escrever, você pode pensar 2050, mas se você não der uma análise que você possa discutir com as pessoas o que ficou equivocado, o que está acontecendo neste Brasil nesse momento, o que vai acontecer no ano que vem, o que vai acontecer em 2015, 2016. No fundo é isso que conta! É aquilo que é tangível, é aquilo que a pessoa vai falar "daqui a três anos o dinheiro da Petrobras vai dar educação para mim", "daqui a três anos eu me formei e vou ter um emprego de maior qualidade".  
[fim da gravação]

**(Presidente Lula)** - Dois anos e meio atrás, três anos, era coqueluche internacional, ou seja, se alguém quisesse falar alguma coisa de um país de futuro, promissor, fudido, era o Brasil. De repente, esse país entrou na lista negra das coisas que não vão dar certo. Daí começaram a falar que o México tinha punido a gente, voltou aquele velho discurso da infraestrutura, só que as pessoas sequer se dão conta que a gente plantava há 15 anos 85 mil toneladas de grãos e de repente está produzindo 185 milhões toneladas de grãos, que a nossa safrinha era uma coisa que quase não existia e de repente ela virou principal, superou a safra. Há um volume de coisas que aconteceram neste país que deixou todo mundo desmontado, ou seja, mesmo o controle da inflação, a minha geração não estava habituada a isso. As pessoas começam a criar fantasias mentirosas contra o país. Eu nunca vi ninguém vender o país como se vende o Brasil. A imprensa vende, muitos empresários vêm conversar com a gente, conversar com a Dilma, aí você vê o cara na televisão e ele diz que tem vontade de dizer que conversou com a gente aqui, mas ele tem medo de falar a realidade dele! Está sempre faltando alguma coisa. Eu acho que no documento que nós vamos falar sobre o futuro, temos de mostrar que o Brasil está bem. O que está mau, é sinal que temos de melhorar e nós temos condições de melhorar e as decisões estão sendo tomadas. Isso que você fala, que a gente lançou o programa Inova, que tem uma demanda de 56 bilhões, então é uma novidade estupenda. Eu estava cansado de ouvir o cara do Finep reclamar que não gastavam o dinheiro que era colocado à disposição.

Eu não sei se a gente consegue fazer um debate fora dessas coisas. Quando a gente, Glauco, discute inovação tecnológica eu ouço todo mundo falar que tem que inovar para vender mais e vender mais. É verdade. Mas é verdade também que nós precisamos procurar novos mercados, um país como o Brasil precisa procurar novos mercados. A gente não pode ficar atrelado a um único espaço do globo. Nós precisamos saber se temos espaço para avançar, qual é o papel do Brasil. Tudo isso, quando você tem 10 anos de governo, vai aparecer nos debates daqui para frente. Tudo que está falhando no Brasil, você vai dizer que vai fazer daqui para frente, mas porque não fez nesses 10 anos passados? A Dilma vai fazer uma campanha em que ela não pode propor só futuro como se descesse de Marte, não tem nada a ver com ontem e só falando do depois de amanhã. Ela tem que falar o que vai fazer de novo, mas tem que falar também "já fizemos isso, percorremos um caminho e esse caminho é pouco". E pouco por quê? Porque quanto mais a gente conquista, mais a gente quer conquistar. Ou seja, cresceu a agricultura? Tem de ter mais estrada, mais ferrovias, mais portos. Cresceu a indústria? Tem de ter mais lugar para importação, tem que crescer o consumo, o investimento em Educação, na Ciência e Tecnologia. Eu estava pensando, por que não voltar







**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

a discutir a história de um pacto de Ciência e Tecnologia com o (...0:04:28.0). Comprometer dinheiro concretamente do governo mesmo para não ficar no vazio.

**(Franklin)** - Quero fazer uma proposta. Acho muito difícil a gente começar a discutir fragmentadamente em cima de documento. Nós recebemos uma série de documentos e ainda tem outros para chegar, e até a próxima reunião que se faça uma espécie de roteiro de discussão. Tem uma discussão preliminar que dá embocadura para a nossa discussão que é a seguinte: por que parou a economia no Brasil? Porque nós vínhamos bem, com a taxa de crescimento em torno de quatro e pouco e nos últimos dois anos o que houve? Nós podemos dar explicações, dizer que é a comunicação, que é isso, mas é evidente que a economia fez isso. E ela fez isso por que esgotou o modelo? Que é o discurso louvável, o modelo baseado no consumo esgotou e tem que investir, aí não fala a segunda parte. Para investir precisa devolver dinheiro para o empresariado e precisa portanto baixar a taxa tributária. Conclusão: no finalzinho é isso, mas é essa a questão? Ou o contrário? O que houve? Quando a gente desonerou, tirou dinheiro de investimento? Ou não é nada disso, eu não sou economista, mas acho que a discussão do porquê parou é a base para a gente entender o núcleo do nosso discurso para 2014, no fundo é isso. Porque no fundo a Dilma vai ser cobrada pelo que ela fez ou deixou de fazer, claro, tem uma conexão com os 8 anos anteriores. Eu conversando com uma molecada aí, eles fizeram a pergunta e eu fingi que não tinha entendido, mas é a pergunta crucial: por que eu vou votar na Dilma? É o discurso da Dilma, ela chega para o eleitorado e diz "você vai votar em mim por quê?", por causa disso, disso, e disso. E isso implica com a disputa por outro lado, porque não tendo um discurso articulado, ele é um discurso eterno, é sempre o mesmo, ele volta. Então eu acho que se discutirmos o porquê parou nesses dois anos, acho que adianta uma embocadura.

**(Palocci)** - Queria falar um pouco sobre como a gente poderia fazer o texto, ir pegando essa versão. Eu acho também que tem uma percepção acima das dificuldades. Uma percepção muito mais negativa do que o fato. Há mudança dos fatos também, a economia caiu nos últimos anos, isso cria um problema e uma leitura muito além do problema. Estou falando primeiro na questão econômica e nós temos que procurar lidar com isso da melhor maneira possível porque, se nós não conseguirmos ver onde está o problema, o problema vira que a Dilma é competente, então vou votar nela de novo. Tem muito empresário que me fala, "explica por que você quer que eu voto nela mais 4 anos". Esse PIB me salvou o discurso nas últimas reuniões. De fato as coisas pioraram nos últimos dois anos.

**(Franklin)** - Para os empresários?

**(Palocci)** - Para o povo também, porque parou de crescer a renda real, o desemprego não está o mesmo ritmo de decréscimo anterior, tem uma piorinha, não está no mesmo ritmo. Agora quando você conversa com os empresário parece que o mundo acabou. Eu tenho uma desta interpretação de que na primeira...

[vários falando ao mesmo tempo]

[fim da gravação]





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

**(Presidente Lula)** - Eu ouvi até vocês falaram que a percepção para o trabalhador está melhor, e para o empresário o mundo acabou. Repete para mim.

**(Palocci)** - Se você conversar com 100 empresários hoje, 101 vão falar que está ruim e atribui muito ao governo. Para o povo parou de melhorar, esse é que é o ponto. A renda não está crescendo mais, o desemprego não está exuberante. Ele está inseguro. Eu acho que essa crise teve dois momentos. Teve o primeiro momento dela de 2008 com um afundamento agudo e curto. E eu acho que a saída do governo foi corretíssima, dizer "comprem". Demos sorte, estava bem. Depois teve mais uma vez, se prolongou, principalmente na Europa, e agora o mundo está saindo da crise. O problema é que o mundo está saindo da crise voltando diferente do que era. Acho que vai provocar mudanças muito fortes em muitos países, inclusive no Brasil. Não dá para saber ainda o que vai acontecer, mas claramente os dois grandes polos de (...) no mundo, que são Estados Unidos e China, estão mudando muito. Os Estados Unidos, altamente produtivo, está atraindo indústria também, mudando a qualidade do capital. E a China está voltando muito para dentro, para o desenvolvimento interno, para o consumo interno porque o modelo dela de exportação esgotou. Portanto essas mudanças têm um impacto, eu acho, muito grande no Brasil. O Brasil vai viver uma adaptação. E isso é doloroso. Passar de um câmbio de R\$ 1,60 para R\$ 2,30 é um negócio doloroso, mas é uma coisa que tem que acontecer, não tem jeito. Poderia acontecer mais leve, mas veio rápido. É uma catástrofe para o Brasil mudar o câmbio? Não, se ele puder fazer com que mude sem inflação, o final disso é um ambiente melhor para a indústria brasileira, ela vai ganhar com isso. Mas a transição é dolorosa. A agricultura vai exportar mais, vai ser vantagem para a agricultura. De novo, não se passa de um câmbio de R\$ 1,60 para R\$ 2,30 sem muita dor, aliás estou até achando que tem pouco sangue na luta. Mudança cambial é algo muito sanguinário. No Brasil até que está tendo uma mudança que eu acho razoável. O fato é que se a gente olhar para o mundo, tudo que vem dele é boa notícia. Estados Unidos ainda há crise, Europa e Japão estão melhorando. O novo ciclo de crescimento não será igual ao anterior, ele vai dar resultado diferente para o Brasil, vai ter demandas diferentes e vai permitir que o Brasil faça ações diferentes. Eu faria um texto que começasse com isso: o mundo e o modelo de crescimento antes da crise e o modelo que poderá vir agora após a crise. Segundo, o Brasil dentro desse novo ciclo, aí discutir indústria, inovação, e inovação não só no produto mas na forma de vender também, porque procurar mercados diferentes é inovação; ou seja, a nova indústria que surge disso, os desafios de produtividade, a questão do investimento e a questão das vantagens comparativas do Brasil. Eu desenvolveria um pouco isso e entrava na seguinte discussão: explicar para as pessoas o que está acontecendo, inclusive explicar para o empresário o que está acontecendo. Em geral, o empresário industrial, se ele souber fazer o movimento, ele vai ser o ganhador ao final desse movimento, mas tem turbulência a atravessar. Precisa dizer claramente e acho que os números que vão vir ao longo dos anos vão ajudar o debate. Todo mundo já achou que ia ter desemprego. No começo do ano, aqueles jornalistas mais negativos, mais pessimistas, não é nem má fé, achavam que a essa altura já teria desemprego no Brasil. Não está tendo desemprego. Tem que explicar. Essa é uma transição que vai ter um certo custo e ao final o resultado é positivo.



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

Eu faria um esforço de um texto com três partes: uma sobre isso, o ciclo de crescimento anterior e o novo PIB, e o Brasil nesse novo ciclo. O que muda no Brasil? Quais são as dores que o Brasil vai ter e quais são as oportunidades criadas no Brasil nesse novo ciclo? Eu faria um segundo bloco dados mais demográficos do Brasil e a sociedade e a mudança das demandas da sociedade brasileira, focando um pouco nas metrópoles e grandes cidades, não só regiões metropolitanas. Vamos encarar a questão das regiões metropolitanas, a questão da evolução do tráfico no Brasil, a evolução social do Brasil etc. Dos temas sociais, eu separaria mobilidade, Saúde e Segurança, são temas que deveríamos discutir junto com metrópoles, porque o governo está endereçando bem a questão de Saúde para as pequenas cidades, mesmo com toda polêmica ele vai ter bom resultado. Eu acho é que vai ficar para as grandes metrópoles uma questão forte da Saúde para se resolver. E Educação, nesses temas de sociedade. E por fim um tema à parte que é participação política, aprofundamento da democracia e reforma política. Esse tema nós vamos ter de discutir renovando um pouco as nossas políticas, e ao mesmo tempo recuperando um pouco do por que se fez no passado (...) perdendo no tempo (...) essa visão de participação política e a questão democrática. Um texto que tivesse três blocos: economia, sociedade e política, mas concordo que deveria partir da explicação dessa aparente contradição e esquizofrenia entre dados e percepção. Temos de admitir que temos um problema para enfrentar, mas que está longe de ser uma grave crise ou uma situação insolúvel. Segundo, tem pouco a ver com o governo o que está acontecendo na economia, porque as mudanças mundiais são muito mais fortes do que uma eventual ação local. E essa grande mudança que está tendo de moeda vai forçar o governo a um conjunto de ações, evidentemente, mas não acredito que o governo tenha participação nessa piora do emprego e do PIB que teve nesse período. Essa mudança, essa quebra no crescimento tem a ver com esse momento de mudanças de parâmetros do ciclo econômico que vai ter no mundo.

**(Glauco)** - Acho que a gente poderia fazer um esforço em separar a parte da política mais conjuntural de uma visão mais de médio e longo prazo. A parte política está bem claro para quem está dentro do governo que o governo está isolado, foi isolado e acho que tem a ver com a percepção que tem na sociedade. Vou dar um exemplo para você: hoje à noite começa o Congresso Nacional da CNI com duas mil empresas, um momento para fazermos este debate que estamos fazendo aqui. Sabe qual foi a posição do Governo? Ela cancelou a participação no sábado, não vai ao Congresso, não tem explicação. O Pimentel também não vai. Estará lá o Ministro Raupp, com quem eu falei hoje de manhã e estava em dúvida se ia, porque ele está entendendo o sinal e não sabe o que falar porque tem corte na economia. Nós estamos vivendo uma sequência disso e é muito ruim.

**(Presidente Lula)** - Congresso para discutir o quê?

**(Glauco Arbix)** - Congresso Nacional de Inovação da CNI. São duas mil empresas inscritas. Imagino que deva ter umas 800, 1000 pessoas. É um momento super importante para fazer esse debate, aliás talvez um dos momentos mais privilegiados para conversar com o empresariado e falar o que está acontecendo.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR

INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR

Sexta-feira eu fui num Congresso da indústria automotiva com 400 empresários. Eu coloquei os dados dos R\$ 56 bilhões e, ao invés de responder, eu perguntei para eles: vocês, com a percepção que vocês têm da economia, expliquem para mim porque tem R\$ 56 bilhões em tecnologia num país que tem tradição de não existir inovação em tecnologia? Alguém tem que explicar para mim. Ou tem alguma coisa muito nova na cabeça do empresariado ou a visão de economia que vocês estão tendo está diferente, está esquisito. Eu perguntei isso para eles e foi um puta de um silêncio.

Eu não acho que tem de estar retraído, mas o governo está retraído, é generalizado. Há um milhão de explicações e porque isso ocorre, mas isso não é, a gente sente isso. E as orientações infelizmente não são no sentido de 'vamos para o debate político', são no sentido de calar a boca. É um negócio meio esquisito, presidente.

(perguntas ao fundo, indecifráveis)

**(Glauco Arbix)** - Olha, eu sinto o seguinte, o medo de falar é gigantesco.

**(pausa para resolver problemas com ar condicionado, começam a falar todos juntos, presidente fala sobre umidade do ar)**

**(Glauco Arbix)** - Eu só estou falando isso porque essa discussão mais conjuntural toma a cabeça da gente. A minha toma, porque estou dirigindo um negócio que tem relação com o governo, onde você vai, você tromba. A maneira como são feitos os cortes, uma puta zona, você volta atrás de decisão, tira coisa que você não pode tirar porque assumiu um compromisso. Eu tendo a achar que ela não está indo porque uma série de compromissos que ela anunciou hoje em dia está complicado. Ela mesma está cortando...

**(Presidente Lula)** - Quais os compromissos?

**(Glauco Arbix)** - Ela lançou o Inova Empresa que hoje está claramente comprometido. Foi cortado da Finep quase R\$ 2 bilhões de um dinheiro que é flexível para fazer acordo com uma pequena empresa, microempresa. Tudo isso está cortado, imaginando que o dinheiro do Programa de Sustentação do Investimento (PSI), que tem uma taxa fixa, dá conta. Não dá conta. Foi cortado subvenção econômica, reduzida em 50%, toda a parte não-reembolsável. Então, tudo aquilo que diz respeito à inovação e tecnologia sofreu um corte gigantesco. Ela lançou o Ciência em Fronteiras dizendo que não queria saber do orçamento da Ciência e Tecnologia — eu estou pegando a minha área —, e agora, este ano, a (?) que foi enviada ontem, sexta-feira, no Congresso, está dizendo que tem que encaixar dentro do próprio MCT. É quase R\$ 1 bilhão. Imagine o que a comunidade científica, que estava até agora de bem com o governo, vai falar. O CPTO que o senhor assinou, um documento falando que pelo menos se teria por mais cinco anos teria o (CCPTO??) lá dentro e a (LTC??), acabou de ser tirado formalmente. A fonte foi tirada com um novo decreto diferente do seu. Veja, a comunidade tudo bem, mas você tem empresariado...



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

(Presidente Lula) - Foi retirado a pedido de quem?

(Glauco Arbix) - Isso saiu com o Planejamento e o Arno. E eu acho que eles não fariam isso — que é alguma coisa em torno de R\$ 3 bilhões num orçamento de R\$ 5 bilhões, do MCT — sem autorização dela. Alguém falou e ela autorizou. Todo programa de pequena empresa negociado por nós e com a Fazenda e o Ministério do Trabalho, R\$ 1,2 bilhão... Eu assinei contrato com dez bancos estaduais: Badesul, Banrisul, Desenvolve São Paulo, AgeRio, BNB, Basa, e outros, para fazer trabalho com pequena empresa para tecnologia. Eu não tenho mais dinheiro. Se o banco ligar para mim, hoje, e disser 'manda o dinheiro que você assinou', eu vou falar 'não vou fazer'. Porque o dinheiro que eu tenho hoje não é mais aquele com aquela taxa de juros.

Vamos tentar separar esses problemas mais conjunturais, que têm impacto em médio e longo prazo, principalmente se levar em conta a pergunta que faz o Franklin. Estou deixando-a no bolso do colete para pensarmos. Não estou querendo jogar fora sua pergunta, porque sua pergunta se coloca hoje: “por que eu vou votar na continuidade do governo?”.

Pensando no médio prazo, acho que há três grandes pilares para pensarmos 2022 ou 2024, dez anos a frente, que é a questão do crescimento da Economia, Educação e a parte Social. Daí você pode destrinchar da maneira que quiser. No crescimento da economia, você pode discutir por que parou o crescimento ou avança, ou a demografia, mas essa é uma situação que nós temos que enfrentar obrigatoriamente: por que parou? Sua frase que diz que isso se deve só a fatores externos, ou praticamente que não haveria muito a fazer internamente, é uma frase absolutamente polêmica. Eu não estou dizendo que você não tenha razão, nós precisamos fazer a conversa.

O segundo ponto de Educação, Ciência e Tecnologia, ou à parte Educação, é uma questão chave. Se há algum ponto que de futuro eu vou falar 'por que eu vou votar nela?' é a Educação. Mas o que vai ter que fazer acontecer aqui? É uma problema sério. Ela vai ganhar 100% dos royalties do petróleo ou 75% mais 25% para a Saúde? Aqui tinha que ter um negócio de peso. Com as universidades brasileiras do jeito que elas são, é difícil fazer isso.

(Franklin) - É difícil quanto ao formato institucional?

(Glauco Arbix) - É difícil mas podemos fazer uma discussão e tirar uma proposta. Mas tem de ser uma proposta no mesmo nível do Bolsa Família, que o presidente fez, e começou a dar a virada no governo dele. Claro, tem toda uma base de economia, mas você tem que ter uma coisa que concentra. Nós podemos levantar uma programa com 60 pontos e todos eles são importantes. Mas eu acho que são três pilares que ganham a eleição. E os três pilares se que negocia com todo mundo, é: crescimento, foi o (...0:08:04) e o seu programa. O que foi o seu programa em 2002? O Fernando Henrique acabou com o país, que não cresce mais e tem de gerar emprego. Essa parte social é um escândalo, o país ser pobre e desigual do jeito que é, e a Educação é uma merda. O senhor atacou o primeiro e o terceiro de forma muito intensa, o segundo, Educação, atacou violentamente, só que demora em Educação e em Ciência e Tecnologia para dar resultado. Eu acho que esse Programa, do ponto de vista de fundamento, continua





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

básico para nós. Eu achava em todo documento que tinha que atacar esses três, porque é aquilo que atormenta a população, por fora da discussão mais conjuntural. O cara que não vê por que a infraestrutura está mudando porque o Brasil mudou de patamar, são coisas que uma explicação pode ajudar, e também não estou falando daqueles que são resistentes por ideologia. Aí não tem jeito. Eu acho que esses três pontos são chaves em qualquer planejamento. Eles podem ser desdobrados em Reforma Tributária, no que vocês quiserem imaginar.

Sobre a questão do crescimento, eu escrevo sobre Inovação, Ciência e Tecnologia porque é minha área de trabalho por muitos anos e é onde eu trabalho dentro do governo. Se nós fizermos de forma muito eficiente, muito mais eficiente, mais do mesmo, o ganho de produtividade é irrisório. Se é verdade que o mundo vai sair diferente da crise mundial, também é verdade que nós temos que dar um salto para frente na maneira como a gente produz, não é mais eficiente, está bom, infraestrutura e tudo isso. Mas nós temos que fazer mais coisa. Nós temos que abrir mercado, concordo plenamente e o senhor fez isso no seu governo e podemos voltar a fazer isso de uma maneira mais intensa, mas o problema é o seguinte: todas as reviravoltas que houve no mundo nos últimos 30 anos, a nossa participação foi absolutamente marginal, presidente. Eu sei que é chato falar isso, ainda mais gente que está comprometido com o espírito público. É assim que estou tratando e nós sabemos do seu governo, mas a realidade é essa. A ciência brasileira, nos últimos **5 mil, 6 mil anos** não participou com nenhum dado significativo, nada! No caso da nossa economia, nossa contribuição foi muito baixa. Não adianta falar que nós temos que vender mais do mesmo. Nós temos que diversificar a estrutura produtiva do país. Diversificar é tornar a estrutura mais complexa, algo parecido com o que o Getúlio Vargas fez naquela época. As empresas comecem a fazer mais, por isso inovação é importante. Não porque é novidade, é legal vender e tal. Inovação, nesse caso, é diversificar a produção, é criar empresas de porte, é criar dinâmicas diferentes, abrir para possibilidades de *startup*, empresa nascente. Fazer coisas diferentes para ver se a gente contribui com alguma coisa de interessante para o mundo. Porque se não tiver o que vender, a expansão de mercado é muito limitada, esse é o problema. Vamos vender para a África, um mundo, mas vamos continuar vendendo a mesma coisa? Nós temos que atacar nisso. Se é certo que o mundo vai sair da crise de uma maneira um pouco diferente do que estava antes, o Brasil tem de estar de uma maneira um pouco diferente. Tem um choque na economia, as empresas, os empresários têm que sentir isso. Não vai mudar apenas com promessas ou falar que nós vamos fazer mais do mesmo. Tem que ter um choque. Podemos pensar na estrutura tributária, que é a que mais sangra porque o governo precisa de dinheiro para investir e precisa, eu sei que é difícil. Mas se nós não dermos essa mensagem, não vai ter o que falar do porquê que eu vou votar nela. Se falar que vamos fazer mais do mesmo, não vai adiantar. O governo Lula foi importante, e nós fizemos algumas coisas a mais agora, preparando o terreno, muitas delas corretas. Não vamos ter o que falar. Estou falando bem claro.

A estrutura da economia tem que mudar, a dinâmica da economia tem que mudar. Por isso eu escrevo e encho o saco o tempo todo porque precisa capacitar as empresas tecnologicamente. São poucos. Nós temos 3 milhões de empresas e, segundo o IBGE, menos de 2 mil diversificam. Diversificam significa lançam produto novo no mercado. É uma desproporção gigantesca com os nossos concorrentes diretos.

Eu não acho que a resposta é dos economistas, viu Palocci, com todo respeito aos economistas, porque o problema não é economia, ainda que aí seja na economia. Mas não estou com isso constringendo meus amigos [risos].







**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR  
INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

(Presidente Lula) - Deixa eu fazer uma sugestão para o Glauco. Eu acho que você tem obrigação de procurar o seu Ministro de Ciência e Tecnologia e brigar por uma conversa com a Dilma. Veja, eu sei o que era comunidade científica quando eu estava no governo. Fizemos um trabalho naquele governo no setor de Ciência e Tecnologia que eu nunca vi tanta unanimidade quando nós saímos do governo. Isso não pode se perder.

(Glauco) Vai perder

( ????? ) - Na Educação também.

(Presidente Lula) - Tem que conversar com ela. Nunca um presidente tinha tido coragem de ir no SBPC. A gente não só ia como dava impressão de que era um ato do governo de tanta unanimidade. Foi uma conquista que nós tivemos nisso, a ponto de nós passarmos para a comunidade o controle do gasto do dinheiro da Ciência e Tecnologia. O governo não vai cortar, o que eu quero é que vocês gastem cada centavo determinado. E gastamos. Isso não pode retroceder.

(Glauco Arbix) - Eu falei, só para o senhor saber, sexta-feira eu fui a Brasília, apesar de meu médico me proibir. Eu fui falar com ele, armei um fuzuê para ele falar com ela por conta desses cortes. Falei que se ele não conseguisse falar com ela, que ele viajasse com ela para a Rússia, porque ele falou que ela ia viajar para a Rússia, acho que hoje. Falei, se ela não vai em nenhum lugar, inclusive no Congresso da CNI, vai na viagem para a Rússia e conversa com ela, porque não é possível o senhor assistir a uma situação como esta e não falar nada. Escrevi uma longa carta hoje para Gleice hoje, mandei um ofício formal ao Ministério, à presidenta e ao Tesouro. Tenho reunião com o Arno sexta-feira. E tudo isso é reafirmado com a maior tranquilidade. Ela anunciou isso aqui, não fui eu que anunciei. Se é o Glauco, enfoca ele e joga no rio, mas ela que anunciou em 14 de março, ela quem lançou o programa, falando da pequena empresa. Eu me sinto enjaulado dentro do governo. E é difícil ficar, porque é um desestímulo permanente. Agora estou tentando separar uma discussão de médio e longo prazo.

(Paulo Vannuchi) - Vamos lá, Mattoso.

(Jorge Mattoso) - Eu sou completamente diferente, não estou no governo, não acompanho esse dia a dia, em vários momentos eu imagino que seja algo bom. Eu queria tentar levantar as questões que eu acho que você de uma maneira levantou, o Palocci um pouco, e você também ainda que centrando na questão da atividade que você está no meio do imbróglio, que é a questão da inovação.

Primeiro lugar, o que houve do ponto de vista macroeconômico? O Brasil tinha crescido 7,5% no último ano do presidente. Tinha que haver uma contida nesse crescimento.





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR  
INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

(Franklin): Vinha de um crescimento de zero no último ano

Aí se fez toda aquelas macroprudenciais, os juros — que eu acho em demasia — e com um conjunto de medidas bem no início do governo com objetivo de dar uma retraída na atividade econômica de maneira a assegurar, aproveitando-se do fato que era o primeiro ano. Isso foi feito com uma situação que ninguém esperava que foi o agravamento da crise internacional. Esse agravamento se dá a partir do segundo semestre. Eu preferiria não falar antes de você porque você viveu isso aí e tem essas informações de maneira muito mais precisa. Mas quando o governo se joga na questão, inclusive de baixar os juros a partir de agosto, ele se joga com base nessa surpresa que foi a crise retomada — não era a crise na crise na Europa, que já existia há algum tempo —, mas com a crise inclusive com a diminuição do crescimento na China etc. Acho que esse foi o grande...

(Franklin) - Foi o encavalamento das duas coisas.

(Jorge Mattoso) - Das duas coisas com um agravamento. Eu não estou com isso desqualificando os problemas de natureza interna do governo, e os problemas de natureza de incapacidade, eu até diria, de contato com a sociedade. Mas a retração dos juros, que eu acho muito positivo, ela foi feita e acabou trazendo reações muito piores do que se imaginava lá, naquele momento. Porque naquele momento se imaginava os juros, e isso vai alavancar o investimento privado, o que era uma certa ingenuidade, porque isso não ocorreu, não houve alavancagem do investimento e pior, juntou com os interesses rentistas, os interesses produtivos. Por quê? Grande parte as empresas, algumas mais e outras menos, ganhavam muito dinheiro com os juros. E algumas empresas mais que outras. Empresa não é produtiva igual a sua, por exemplo, que a Anhanguera, de educação, que recebe tudo dia 5 e vai tendo os gastos ao longo do mês, que era tudo aplicado, e tinha um ganho operacional muito elevado. E por isso ficaram p... da vida. Tem setores que normalmente não criticavam o governo, não se posicionavam contra o governo, e que se aliaram frente à queda dos juros. Isso gerou o que eu achei muito bem falado pelo Chico Lopes, que não é nosso, mas se não, contra o que estava havendo pessimismo obsessivo, como ele chamou. Porque, em parte por causa dessa alavancagem, a mídia que estava fazendo o jogo dela e a oposição que começou a dar com o pau. "A inflação dispara, por que é isso...". A inflação não disparou. A inflação cresceu legal em 2012 até janeiro deste ano, e depois caiu. Está sob controle. Não tem descontrole inflacionário. A Focus hoje elevou a previsão de crescimento em mais 6%. Eu nunca vi uma coisa dessa, de uma semana para outra...

(Franklin) - Passou de quanto para quanto?

(Jorge Mattoso) – Ela foi de 2,20% para 2,32% (a expectativa de crescimento em 2013) É um despropósito. Se você de uma semana para outra aumenta em 6% de crescimento é sinal de que... tudo bem, porque não chegaram os dados do IBGE. Mas é sinal de que há um pessimismo que não corresponde a realidade. Esse pessimismo acabou criando uma situação. É verdade que estamos menor relativamente aos 10 anos. O ano passado foi 0,9%, este ano





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

a expectativa é 2,5%, porque eu sou um otimista, 2,7%, por aí, então é menor que a média dos 10 anos. Agora a situação é diferente. É menor mas é melhor do que muitos países. É melhor que o México! É melhor que a Índia! Melhor que a Europa!

Esse pessimismo contaminou não somente os grandes interesses, não só o rentismo e do setor produtivo, mas os interesses em geral. Entra na internet e veja os comentários que as pessoas fazem sobre qualquer assunto. É uma piada. Eu sou relativamente otimista e acho que a tendência é mudar se o governo for mais para a rua. Tem que ir para a rua, sair para defender. E se não fizer isso os desafios, outros, não chegarão a serem enfrentados. Eu tentei fazer isso, ainda que curto demais, dizendo seguinte: nós precisamos resolver o desafio do crescimento com distribuição de renda e saber que a situação vai ser mais difícil. O endividamento das famílias não vai poder crescer no nível que cresceu no passado; o emprego não vai continuar crescendo no nível que cresceu no passado. Isso é um fato. Agora, que tem que continuar crescendo, e portanto haver algum processo de distribuição de renda mesmo que a níveis menos intensos, tem que haver. Então, o crescimento econômico com distribuição de renda tem que ser a pedra de toque para permitir que a questão da Educação, Saúde, Infraestrutura, questões urbanas, a indústria e a inovação sejam enfrentados. Para eles serem enfrentados até 2018, não importa, nós precisamos dar conta de mostrar que é possível continuar crescendo com distribuição de renda. E nesse aspecto eu gostei muito do seu texto. O da questão tributária eu tinha uma percepção do problema, mas o outro eu achei extremamente positivo, porque essa é a discussão. Os conservadores estão dizendo que não tem mais crescimento com distribuição de renda, não dá mais para ter melhoria do crédito, as famílias não podem continuar tendo crescimento como você mostrou que teve nesse período de 52,1%. Ainda bem que teve investimento, mas é um ainda bem muito precário, o investimento cresceu relativamente pouco e o que cresceu foi investimento público, o investimento privado continua sendo praticamente zero. Estou falando em investimento com recursos dos bancos privados. É óbvio que tem o investimento que é repasse do BNDES pelos bancos, esse houve e estão aí acontecendo. Investimento privado que precisava ter crescido inclusive para o investimento público ser dedicado mais à inovação, mais à questões da Educação e da Saúde, não dá. Nós crescemos de 1,1% para 4,4% relativamente ao PIB, como o PIB cresceu, crescendo investimento público está bom. Mas é muito pouco frente às necessidades de uma país da dimensão do Brasil. Por isso que a questão da infraestrutura é importante, porque ela pode ajudar a forçar a alavancagem do investimento privado. Mas ele precisa crescer muito mais só na infraestrutura. Acho que o governo errou nisso, porque achou que o juro ia resolver o problema do investimento. E, desgraçadamente, este aqui é um país rentista, durante décadas teve os recursos todos grudados na inflação. Você teve um processo de, não só inflação elevada, mas inflação com tudo grudado. Um conjunto de fatores que se auto-alimentam.

Ao mesmo tempo que eu penso que dá para ser otimista, dá para batalhar para os quatro próximos anos, nós temos de saber que tem de ter alterações de percurso, ainda que essas alterações não tenham nada a ver com a coisa conservadora. Porque as alternativas da coisa conservadora é dizer assim: esquece consumo das famílias e passa para investimento. Isso é abobrinha, inclusive porque o investimento já estava crescendo mais no consumo das famílias.





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

(Paulo Okamoto) - Muito bem. Quem vai falar? Nelson Barbosa.

(Barbosa) - Vou voltar um pouco no que o Franklin tinha colocado: por que parou? Acho que tem um cenário externo, concordo com o que Palocci colocou. Que a economia poderia crescer menos e a inflação aumentar em 2009 e 2012, isso era inevitável. A questão é quanto ia cair e quanto ia aumentar a inflação. Podia ter sido menos pior, ou podia ter sido muito pior. Agora é meio como engenheiro de obra pronto falando para trás. Mas ia haver uma desaceleração do crescimento, ia haver aumento da inflação pelo que aconteceu no mundo. Se é para escolher uma coisa, e uma coisa que eu acho que nós acrescentamos a isso, não foi decisão pensada, aconteceu por diversos motivos, é o atraso em investimento. O governo estava na direção certa, tanto que entendeu bem o problema e lançou o programa de infraestrutura em agosto de 2012 o governo lançou aquele grande processo de infraestrutura, que era justamente aquilo de dar uma espécie de gasto exógeno, autônomo, para atravessarmos e sustarmos as expectativas por vários motivos: um aeroporto foi por um motivo, uma ferrovia foi por outro, uma rodovia por outro. Atrasou. Eu acho que foi isso que nós acrescentamos e não podemos culpar o resto do mundo. Mas que veio uma pancada forte e o Brasil foi mais afetado, até mais que essas outras economias, é inevitável. O importante é que as coisas estão sendo agilizadas.

(Luiz Dulci) - O que era inevitável e sobre quais estados?

(Barbosa) - Normalmente nos comparam com México ou Chile, quando dizem que nós somos relativamente pior. Não nos comparam com a Índia, que está bem pior que a gente de estatística de desaceleração. Às vezes nos comparam com a Rússia, mas não é uma comparação muito usual. A Rússia é fortemente dependente de petróleo, a flutuação é um problema altamente de risco e não dá para comparar com o Brasil. Chile e Peru? Chile provavelmente é o tamanho do Rio de Janeiro. Quando o preço do cobre subiu a economia do Chile se recupera mais rápido. E o México tem horas que também está atrelado aos Estados Unidos. Quando nós estávamos numa fase muito pior, o México, por um pequeno momento, ficou melhor que o Brasil. Se você pegar num período todo, como o Ministro Mantega enfatiza e ele está correto, está no valor de hoje, o Brasil está bem melhor que o México considerando de 2008 para cá.

Nós fomos mais afetados porque nosso padrão de crescimento depende mais de uma conjuntura externa favorável do que o México, por exemplo, e que o da Índia. Mas as nossas commodities foram mais afetadas do que as commodities exportadas pelo Chile. É nesse sentido.

(Paulo Vannuchi) - Antes de voltar, por que atrasou? Porque agosto não é um pequeno atraso, é um ano e meio. Qual o problema? Ultra-centralização? Cada Ministério estava tomando pé da situação?

(Barbosa) - De uma forma bem simplificada: centralização e intervenção. A centralização atrasou, a intervenção piorou a decisão. As duas coisas juntas atrasaram. No governo todo mundo já passou pela mesma coisa. No M.I.N



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

é muito burocrático, se você não ficar ali em cima o tempo todo, não sai. Se você centraliza dá a desculpa que o burocrata quer.

(Franklin) - A centralização é só fazer o que você manda.

(Barbosa) - Isso, a centralização atrasa. A intervenção faz com que quando essa adesão atrasada saia, ela saia ruim. Basicamente é isso, por motivos diferentes. No aeroporto foi uma coisa, na ferrovia foi outra, na rodovia foi outra, no porto foi outra. Não há uma grande decisão "vamos atrasar", foi crescendo. Qual é a mensagem? Nós vamos viver num cenário diferente. Tanto quanto no externo, concordo com o Palocci, um cenário completamente diferente.

(Palocci) Você acha que vai mudar mesmo?

(Barbosa) Já está mudando com o dólar a R\$ 2,40. O modo de crescimento nos próximos anos é diferente. Está mudando a China, os Estados Unidos estão se recuperando, a Europa parou de piorar. A ironia é de que muitas lideranças empresariais acha que temos que copiar a China. A China não quer ser mais China, quer mudar. Na verdade o modelo está mudando.

Não é só o cenário de fora. É o cenário de dentro, como Josué colocou no texto dele e eu concordo completamente. Justamente quando a gente resolveu bater jogando empresa e restituição de renda, agora afora os outros. Então são dois cenários, aqui o pessoal quer mais e o mundo um cenário mais adverso.

Como que a gente compatibiliza isso? Primeiro princípio, — em política é bom ter princípio — nós vamos fazer ajustes nesse novo cenário sem perder as conquistas dos últimos anos, sem retrocesso social. Porque o que até agora os críticos, nossos principais críticos da oposição colocam, é que para você se inserir nesse novo contexto você tem que abandonar todas as conquistas. Tem que voltar o salário mínimo crescer somente com a inflação, e olhe lá, você tem que diminuir gastos com Saúde e Educação. Na proposta que a Fiesp apresentou congela o gasto com Saúde e Educação em percentual do PIB nos próximos quatro anos; desatrela o mínimo da Previdência do salário mínimo. As conquistas dos últimos anos são um empecilho para que a gente aproveite o novo cenário. Eu acho que é o contrário as conquistas dos últimos anos inviabilizam aproveitar o novo cenário e nos desafia como mantê-los. O que o Glauco falou está correto. Não é fazer mais do mesmo no Brasil, mas acho que tem muito mais do mesmo para ser feito. Mas tem que colocar uma coisa nova. No Brasil, e eu discuto muito isso com o Ricardo [Brochoviri???], o que temos de diferente de expansão? Como é que o Brasil pode crescer? O que tem de investimento em infraestrutura para ser feito, alavanca crescimento por uns 10 anos, não só infraestrutura logística mas urbana também. O que tem de habitação. ..A principal fonte de renda da classe média é trabalho, o principal ativo é sua própria moradia. Em todos os países que têm classe média, em algum momento da sua história, — nos Estados Unidos foi nos anos 50, 60; na Europa, 60, 70 — teve um boom de investimento residencial. Então isso



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

aqui também dá um horizonte de crescimento. A inclusão vai continuar, concordem não no nível do passado, por um motivo muito simples: o dinheiro comeu tanta gente, porque quando você incluiu os primeiros 40 milhões, você aumentou a classe média em 50%, quando você aumenta mais 40 milhões, você vai aumentar a classe média em 25%, mas tem mais gente para entrar, só que não vai ter mais aquele impacto que teve. O crédito, no governo do Presidente Lula, passou de 25% do PIB para 50%. Se aumentar de 50% para 75%, é a mesma variação absoluta para não é o mesmo impacto na economia. Aí vem o paradoxo: justamente por ter sido muito bem sucedido, o modelo de inclusão social agora tem menos impacto para alavancar o crescimento. Já trouxe bastante gente, vai trazer mais gente mas o impacto será menor.

**(Franklin)** – Promove inclusão social pela renda?

**(Barbosa)** - Pela renda. Você tem commodities, mineração e petróleo, continuam sendo carro-chefe para crescer, esse eu coloco no mais do mesmo. Nós podemos crescer, ainda tem muitas oportunidades a serem exploradas, mas se só for por aí, nesse cenário internacional fica mais difícil, porque senão vai estar gerando demanda para o resto do mundo. Precisa capacitar nossas empresas e nossos trabalhadores para atenderem a demanda doméstica. E aí é o que Glauco falou, que o debate da hora é a tal da reindustrialização ou cadeias globais, como você aumenta a produtividade e diversifica a (...). É isso que tem que se colocar. Não é por acaso que o pessoal da Casa das Garças lançou um livro sobre industrialização, *Como Reindustrializar o Brasil*. A proposta deles é a típica dos tucanos: baixa as tarifas de exportação, vai abrir um déficit comercial muito grande, aí o câmbio ajusta e todo mundo fica competitivo e coloca a indústria no chão.

**(Presidente Lula)** - Ou vai quebrar o que tem.

**(Barbosa)** - Como o cenário mudou, o câmbio agora vai ser um patamar mais elevado, há uma oportunidade de diversificar e isso requer pensar de maneira diferente, em como o governo pode ajudar nisso. O modelo da Finep é um modelo, nós temos bancos públicos que são sempre muito importantes para dar auxílio ao nosso desenvolvimento. Temos um modelo que está em crise, e crise no sentido de que ninguém sabe como vai ser no futuro, que é o modelo do BNDES. Vão continuar R\$ 100 bilhões por ano no BNDES? E tem o modelo da Finep que está desabrochando agora, que foi o que o Glauco colocou, abriram uma linha nova e inseriram cinquenta e tantos bilhões. Como é que nós vamos repensar esses instrumentos para que o Estado possa ajudar nessa reindustrialização, nessa diversificação. Esse é o fato novo, e sem abandonar os outros, porque continua tendo investimento em infraestrutura, continuamos sendo bom em mineração e agricultura e petróleo. O Brasil é grande o suficiente para fazer os dois. Nós não temos que escolher entre um e outro, tem para fazer os dois.

Para frente, você começa combater um pessimismo com cenário, tanto que esse número do PIB já fez sozinho um serviço maior do que qualquer declaração que uma autoridade dê. Agora, é importante que a instituição, que por definição não quebra nunca no Brasil que é o Governo, tenha esse cenário. Sobre o PIB, vou abrir um parênteses,



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

amanhã sai resultado da produção industrial, vai mostrar uma queda que não é nada demais, é porque junho foi muito alto e julho vai ter uma queda. E aí eu acho que tem de ter um cenário para 2015 e 2018. Como você vai mostrar que a inflação vai ficar sob controle, que a dívida pública não explode, que você mantém o primário num nível adequado, que o Brasil cresce e quanto ele cresce. O encarregado de planejar e coordenar tudo isso tem o seu cenário, e infelizmente nós não temos e tem que ter o ano que vem. Fazendo não tanto quanto o Glauco fez, mas o Governo na prática mudou a sua política fiscal desde esse ano, a realidade mudou a política fiscal do governo. Nós já praticamos o resultado primário do Governo Federal de cerca de 1,7% do PIB. A política fiscal para o ano que vem mudou também, foi anunciada o orçamento e tem três metas: a de 3,2%, a meta que o governo vai perseguir de 2,1%, e tem a meta de verdade que os estados e municípios não vão fazer a vez que é de 1,7%. Só que ninguém explicou isso.

(Franklin) - Você acha que... vamos falar claramente.

(Barbosa) - Eu tive conversas com a Miriam e com a Gleisi e falei: se vocês vão anunciar uma coisa menor para 2014, vocês têm que colocar isso num cenário até 2018, senão vocês ficar penduradas até 2014 e vão apanhar igual ratazana preta no canto da sala. Se você colocar isso numa trajetória de até 2018 mostrar que você reduz agora e depois sobe, aí fica mais defensável. Mas tem tempo para resolver isso.

Então tem que fazer um cenário, mas não só macro, tem que fazer um cenário social. Como é que você melhora Saúde e Educação, quanto é que vai custar isso. Não vai dar para fazer tudo o que o pessoal quer. Quanto vai ter de recurso? Por que para você fazer um cenário, você precisa saber quanto tem de espaço fiscal, — que é uma coisa que o Franklin tinha perguntado na primeira reunião — vamos ter espaço fiscal até 2018. É só uma estimativa, porque depois nunca é do jeito que o Governo planeja nem aqui e nem em nenhuma lugar do mundo. O Obama anuncia uma coisa e revisa todo ano. Mas você coloca isso aqui pelo menos dá uma referência para as pessoas e olha 'não quebra, está estável, o Governo vai utilizar o recurso dessa forma e o que dá para fazer é nessa velocidade. Isso na economia.

Tem outros temas que estão dentro disso mas merecem uma reflexão mais qualificada e delicada. Não sei se vale a pena entrar disso em eleição ou não, mas vamos ter de entrar ganhando a próxima eleição inevitavelmente, que envolve a questão da competitividade mas estão na hora do dia. Um é a questão tributária. Nós avançamos bastante mas temos que avançar mais, tem que avançar uma questão federal. O PIS/Cofins virou uma bagunça. Só uma mudança aí dá um ganho de produtividade enorme, mas custa. Se para preservar a carga tributária tem que compensar com alguma outra coisa, é na tributação direta ou não é? A questão do ICMS é a mais confusa pelo PIS/Cofins. Pode estourar antes da eleição e torcer para os tribunais não julgarem. A questão tributária merece essa reflexão. E ela não é só tributária, é Federativa também.

(Franklin) - Quando você fala Federativa, é só o tributário ou também a responsabilidade?



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

(Barbosa) - Não, da questão tributária o maior problema hoje, evidentemente, é Federativo, porque o ICMS foi um acordo entre os 27 governadores. O PIS/Confis eu sou da opinião que nós temos como resolver. Ele custa 'x', aí você tem o orçamento, você faz em 5, 6 anos, em quanto couber no orçamento, mas você sinaliza 'estou resolvendo, não dá para resolver tudo em um ano, mas em tantos anos está resolvido'. O ICMS não é só uma questão de dinheiro; você tem que convencer os 27 e nós convencemos 25.

(Franklin) – Quem ficou fora?

(Barbosa) - Cid e ou Amazonas.

(Presidente Lula) – Quando você fala da previdência...O que você quer falar da Previdência?

(Barbosa) - Eu discuti bastante no governo mas não fomos em frente, acho até que temos de conversar muito aqui em São Paulo. Na questão capital/trabalho chegamos num impasse. Os trabalhadores pedem fim do fator previdenciário, jornada de 40 horas e outras. Gabas e eu fizemos uma proposta, eu até estava discutindo com a presidenta, que é acabar com o fator previdenciário gradualmente, botava aquela regra 85/95 crescendo e a idade mínima para as novas gerações. Isso, na prática, estabilizava o gasto da Previdência para os próximos 20 anos, até dois mil e trinta e pouco ele ficava estável, porque a gente também mexia naquela questão pós-morte. Está pronto, chegou a ser negociado. O Feijó chegou a negociar com a CUT. Isso é uma coisa que está caindo de maduro.

(Franklin) - Por que não foi para frente? Quem resistiu?

(Presidente Lula) – É importante dizer o seguinte: hoje a Dilma estava até disposta a fazer acordo sobre as questões das pensões. Quem colocou farinha no ventilador? Marinho. O Marinho é totalmente contra mexer no fator previdenciário, porque ele acha que está bom assim. Ele foi contra quando Ministro do Trabalho, foi contra quando foi Ministro da Previdência Social.

(Palocci) - Quero dizer que ele tem razão.

(Presidente Lula) - O Gabas veio aqui e nós discutimos, o Feijó veio aqui. Eu falei Dilma, acho importante você conversar com Marinho — ela ia a São Bernardo lançar um programa — e chama-lo para uma discussão com a CUT e com o Feijó, porque aí você coloca os dois. Ela falou que depois de ouvir o Marinho, ela é totalmente contra fazer qualquer mudança do fator previdenciário. E o Marinho diz que topa fazer um debate público com a CUT porque ele acha que a CUT está sendo irresponsável em querer o fator previdenciário.



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

(Barbosa) - Por isso que estou falando, é um debate bem técnico. Só acabar com o fator previdenciário é suicídio, tem de fazer uma coisa num lugar para mante-la mais sustentável.

(Palocci) - Concordo com você, se fosse feito um trabalho técnico decente, mas só substituir o fator previdenciário é muita coisa.

(Barbosa) - Só respondendo por que não foi para frente, nesse clima político atual se vai de um jeito, sai de outro. Não temos segurança para fazer nada agora. Por isso que eu estou falando, 15, 18. Mesmo com o fator previdenciário as pessoas continuam se aposentando com idade maior de 54, o gasto continua crescendo muito forte. Tem que ter alguma coisa.

(Presidente Lula) - Deixa eu fazer outra pergunta: o Cofins foi criado quase que para garantir os direitos sociais daqueles que nós não incluímos na Previdência. Uma coisa que eu acho que ocorre na Fazenda e no Tesouro — e todo esse tempo o Palocci errou, o Guido errou, vocês erraram —, é o seguinte: eu cansei de pedir para que tirasse os gastos sociais da Previdência Social. Porque nós incluímos na Constituição 6 milhões de aposentados rurais que não são da Previdência Social, criamos um fundo para bancar. Eu falava para o Guido que o Malan fazia isso porque a economia estava quebrada. Agora nós não precisamos mais depois que consertamos a economia. Então separa o que é da nossa política social, o que é LOA, aposentado, do dinheiro da Previdência que os trabalhares pagam e é superavitária hoje. Se você for analisar o tanto que os trabalhadores pagam e o tanto que eles recebem, verá que ela é superavitária, não deficitária. Nós permitimos, porque queremos prestar contas não sei para quem, que apareça com déficit, quando na verdade nós criamos um fundo porque o Estado brasileiro resolveu fazer uma política social neste país.

(Barbosa) - Eu queria falar para o senhor que está separado, nos números que o tesouro não divulga há lá o resultado da previdência urbana e o resultado da previdência rural. O da urbana é superavitário e o da rural é deficitário. O agente já divulga desse jeito desde aquela época. Só que a imprensa não coloca.

[Inicia-se uma rápida discussão na mesa, não dá para identificar]

(Paulo Okamoto) - O PIS/Cofins não sobra na Previdência?

(Barbosa) - Sobra, mas falta em outro lugar. Mas o PIS/Cofins não é só para Previdência, é para Saúde, Educação.

(Palocci) - ...o setor público é altamente deficitário.





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

**(Presidente Lula)** - Palocci, houve uma reforma na previdência pública. Vamos parar de brincar enquanto Estado. Eu fui presidente durante 8 anos e não tive coragem e nem situação política. Ninguém vai ter. Nós não podemos continuar com a previdência pública. Ela foi mudada, mas nós temos 400 generais da ativa e 12 mil generais inativo, 2 mil tenentes da ativa e 30 mil tenentes inativo, todos recebendo salário integral. E quando dou aumento para quem está na ativa sou obrigado a estender para a aposentadoria do Itamaraty, da máquina pública e Ministério Público, ou seja, eu dou para o inativo o mesmo que para o ativo. Nós mudamos isso, mas demorou quanto tempo para regulamentar? Demorou muito tempo.

**(Barbosa)** - Ano passado.

**(Presidente Lula)** - Então eu acho, Palocci, que nós demos passos para mudar. O que não pode é a Previdência continuar sendo o patinho feio. Se olharmos essa quantidade de meninos na rua de São Paulo, que é uma vergonha, porque nós já somos governo há 8 meses e tem aumentado o número de pobres dormindo na rua. Se o salário mínimo resolver a vida dessas pessoas, é mais barato dar o salário mínimo na mão dele e dizer 'vai viver sua vida onde você quiser', do que deixar dormindo nas ruas de São Paulo. É para isso que existe uma reforma política e social neste país. Eu acho que é um grande benefício. A pessoa que se incomoda porque o pobre deixou de ser mais pobre que se dane. Eu quero é que o pobre tenha cada vez mais acesso às coisas, que o Zé vá vender mais meia, mais camiseta, mais toalha de banho, mais roupão para sair da piscina. É isso que nós queremos.

Outra coisa, Nelson, eu telefonei para o Guido sexta-feira, até para tirar um sarro dele, porque quando a taxa selic aumentou, teve que ajustar o juro da poupança e a alegria do povo é do caralho. O povo pobre, a véinha, numa felicidade do caralho porque a poupança cresceu 0,5%. Muitas vezes a gente pensa sem levar em conta o que o povo pensa. E eu tinha pego um dia aqui no escritório duas noras minhas conversando. Uma falava assim 'tá difícil, com esse negócio do juro caindo, onde vou aplicar meu rendimento?'. Mas quando ela fala rendimento é R\$ 500,00, não é rendimento de R\$ 3 milhões, R\$ 200 mil. É essa a mentalidade do povo.

Essa pergunta do Franklin fez é uma pergunta que poderia ser feita para Dilma quando você estiver com ela.

(Algumas pessoas falam ao mesmo tempo, parece ser ?????)

**(Presidente Lula)** - Eu já falei que eu perguntei para a Dilma o seguinte: como é que eu convenço o povo a acreditar que a economia brasileira vai dar certo? Dê três razões para eu fazer acreditar. Ela falou: uma, os juros estão caindo; outra, a dívida pública é só 34% do PIB; outra, a inflação está controlada; e outra, é que nós temos U\$ 372 bilhões de reserva e não gastamos um dólar ainda dessa reserva.

**(Clara Ant)** Isto é para falar para o povo?





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

**(Presidente Lula)** Eu falei que ela deveria preparar um pronunciamento para o 7 de Setembro, onde você fizesse uma análise da crise externa com uns 3 minutos para o povo compreender que o Brasil não está fora dessa crise, e depois você falasse mais uns 3 minutos sobre o teu otimismo com relação a economia do Brasil, ou seja, passar um pouco de tesão para esse povo. Eu acho que ela vai fazer. É isso, tentar convencer as pessoas de que as coisas não estão ótimas como todo mundo gostaria mas estão indo, ou seja, não há nada que possa fazer as pessoas quererem desacreditar do Brasil. Também temos que compreender que é muito difícil qualquer um de nós reconhecer equívoco. Eu, por exemplo, dizia para a Dilma: você não cite número. Sabe aquele negócio de fazer um comício com 100 mil pessoas, depois a imprensa fica no pé.

O Sem Fronteira deve chegar a 40 mil, 30 mil, estará longe dos 100 mil que nós prometemos. Segundo, nós não estamos mandando gênios para lá, que era o que se acreditava, e na verdade estamos mandando qualquer um que queira ir. É diferente...

Poderíamos ter caído 1% a menos do PIB se nós tivéssemos cumprido com nossa obrigação enquanto investimento do Estado. Nelson, você estava no governo quando a Petrobras paralisou, em nome do quê não se sabe. Ela gerou um processo de desconfiança que é inacreditável a quantidade de empresários que são fornecedores da Petrobras e que estão quebrados. E não tem desculpa de que a Petrobras fez alguma coisa errada em qualquer momento porque a Dilma era presidente do Conselho, o Guido é presidente do Conselho, a Graça era diretora. O que houve que de repente parou? Você está lembrado a briga que nós comprávamos no governo para fazer uma refinaria e a Petrobras era contra porque o Brasil não precisava de refinaria.

Outra coisa, o Palocci falou sobre a infraestrutura. Quase todas essas coisas tinham sido pensadas quando a Dilma era candidata e muitas coisas não foram colocadas em prática. O aeroporto do Galeão, que nós anunciamos e desanunciamos porque houve manifestação dos funcionários, com faixa contra a concessão, a Dilma era candidata e nós deixamos para quando passasse as eleições. Por que demoramos tanto tempo para fazer o mesmo do mesmo quando poderia ter sido feito. O que é grave é que o Glauco anunciou que a taxa de retorno seria apenas de 5,5%. A Eletrobras hoje não está fazendo o que deveria porque ela foi criada para ser uma indutora também. Quando nós fomos fazer Belo Monte, as grandes empresas resolveram fazer um boicote: a Odebrecht, a Andrade e Gutierrez, a Camargo Correa. Eu disse para eles 'vocês vão aprender pela primeira vez que, com ou sem vocês, nós vamos fazer. Nós queremos vocês como parceiros, mas não queremos que nós sejamos subordinados a vocês a vida inteira'. E começamos a fazer e eles foram entrando. Agora querem entrar todos.

**(Franklin)** - Na hora que chegou o preço do leilão, foi lá embaixo.

**(Presidente Lula)** - Desse ponto de vista, houve uma paralisia no governo, governo novo, talvez a imprensa tenha culpa, as pessoas que têm que tomar decisão estão muito subordinadas ao jeito de ser da presidenta. Agora tem que mudar, segundo mandato assim não existirá de novo. É uma percepção da sociedade que vai mudar. Do ponto de vista das coisas que têm de ser feitas, eu acho que vamos continuar fazendo mais do mesmo e provocar a nossa inteligência para saber qual setor fará mais do que não fizemos ainda. Você vai continuar fazendo política social e



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

distribuição de renda; vai continuar incentivando o agronegócio, ou seja, quanto mais coisas produzirmos, mais venderemos; terá de produzir mais energia; vai ter que fazer mais universidades; tudo isso nós já vínhamos fazendo. Agora, o que se tem de fazer de novo? Qual é o novo? Quem decide que tipo de indústria vai se fazer nesse país não é o governo, são os empresários. O que o governo tem que fazer é colocar dinheiro à disposição para ajudar a financiar. Nesse aspecto acho que nós temos de inovar o BNDES, porque a burocracia do BNDES é atrasada, conservadora. Eles fazem o mesmo do mesmo toda hora!

(Franklin) - Eles só fazem reproduzir.

(Presidente Lula) - Então! Nesse aspecto é que devemos fazer, procurar quais os setores vão fazer o diferente. Nós temos que fazer boas provocações nos empresários, ao invés de ficarmos esperando eles chamarem a gente para fazer sempre a cobrança da pauta... Todo mundo é muito legal, todo mundo é muito companheiro, todo mundo é amigo de 30 anos e cheio das coisa, mas ninguém fala 'vou fazer tal coisa! Eu vou mudar tal coisa!' O Ivo Rosset poderia dizer 'vamos criar um núcleo, um fundo entre nós para ajudar esse pequeno a comprar nosso produto'. Não! Acho que nós vamos ter que propor e talvez através do BNDES, ou da Finep, ou do Banco do Brasil. Nós precisamos fazer uma boa provocação no empresariado brasileiro: 'com o que vocês vão fazer na inovação?' Quem é que vai pensar o que a gente vai produzir nesse país ou só vamos continuar recebendo indústrias automobilísticas aqui para vender carro no mercado interno? Ou até criar mecanismos e dizer 'só faz peça na indústria automobilística aqui agora se for para exportar!'. O mercado interno não suporta mais, as ruas de São Paulo não suportam! Esse é o novo do debate que nós temos que fazer. E o novo do debate é manter política social, sim! Manter política e distribuição de renda. Porque é verdade que distribuir renda pode causar algum problema na inflação, mas é verdade que se não distribuir, esse problema nós já conhecemos.

Eu estou com 67 anos e vivi essa porra 60! Nós temos que propor claramente o seguinte: qual é a proposta que nós vamos fazer para que nosso projeto continue? Temos que pensar 2022. Eu posso fazer o que vocês quiserem para 2018, mas o meu olhinho está na eleição de 2014. Senão não tem sentido eu fazer um belo discurso e perder as eleições.

(Paulo Vannuchi) - Nós temos um outro risco menor que é ganhar a eleição com Dilma e não ter esse projeto que nós estamos querendo desenhar aqui, porque aí ela começa o primeiro ano e cadê? Ela pegou um cacife gigantesco, por inúmeras razões, e estamos nesse momento. Esse grupo aqui tem que garantir: a Dilma ganha, mas com um projeto.

(Barbosa) - Eu quero falar dos três temas que nós temos que enfrentar e não são fáceis e tem divisão entre a gente: um é tributária, outro é previdência e o terceiro é legislação trabalhista. Não é tema que precisamos colocar na eleição necessariamente, mas nós temos que discutir entre a gente o que fazer porque eu não acho que dá para ficar debaixo do tapete mais tempo. Tem um PL de terceirização no Congresso, estão quebrando o pau; tem aquela



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

proposta do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC de contrato especial; tem a proposta de 40 horas. Só o Partido dos Trabalhadores pode fazer uma revisão da regulação trabalhista que seria boa para os trabalhadores.

**(Paulo Okamoto)** - E tem até o fator do projeto trabalhista, porque o Brasil é o único país do mundo que tem 2 milhões de projetos trabalhistas.

**(Paulo Vannuchi)** - Paulo, vamos nessa linha sim do que foi falado aqui, se o Artur estivesse aqui mas não está, ele iria dizer que não dá para esquecer o tema fator previdenciário. O Marinho, presidente do sindicato, não defendeu. E como nós precisamos do sindicato na disputa eleitoral, se não der para ir com o fator previdenciário, precisamos ver com o quê dá para ir, mas com alguma coisa tem que ir, senão nossa base não vem.

**(Josué)** - Eu vou falar pela pequena empresa. Eu tenho uma posição privilegiada para ouvir esses empresários que talvez 99% hoje tenham um estado de ânimo negativo, porque a gente acaba convivendo com eles e ouvindo muito o que eles falam. E é verdade, tem um estado de ânimo negativo na classe empresarial, quase todos reclamam do atual estado das coisas. Quando confrontamos eles com a realidade, eles reconhecem que ela não é ruim. O debate macroeconômico é muito bom nós. Os últimos dez anos foram espetaculares, se compara-los com os anos anteriores é uma coça fantástica. Mas há um estado de ânimo negativo. Nós pedíamos juros mais baixos, os juros baixaram; pedíamos câmbio melhor, o câmbio melhorou; tem desoneração tributária no investimento e até no trabalho teve desoneração. O que está acontecendo? Se eu puder resumir em uma palavra o que aconteceu acho que é falta de 'previsibilidade' nesses últimos 2 anos e meio. Os outros 8 anos anteriores eram mais previsíveis. Talvez a vontade de fazer era tão grande, e o zelo tão grande, que muitas medidas foram tomadas e mudava e isso foi criando um grau de incerteza que repercutiu muito na "psico" do empresariado. O empresariado sente que tem muita intervenção, tendo ou não tendo, não estou falando que tem, é que as pessoas têm impressão de. ..

**(Palocci)** - Coisa que ele pede normalmente. Ele pede intervenção depois...

**(Josué)** - Mas o excesso de intervenção, Palocci, por idas e vindas. Por exemplo, todo mundo queria câmbio, aí vem IOF, aí põe o IOF sobre tudo, até sobre pré-pagamento de exportação, começa o põe e tira. Esse tipo de guinada, ida e vinda, que vai tirando previsibilidade... E empresário é covarde, o capital é covarde, o empresário não quer investir num ambiente de incertezas. Claro que ele já tem incerteza suficiente: o mercado, se vai concluir o produto etc. Mas achar que empresário sem previsibilidade, ou pelo menos algum clima de previsibilidade, vai investir, não vai, ele fica retraído, para ele não precisa. Uma das grandes questões que aconteceram pelo menos nos últimos dois anos, talvez seja excesso de coragem, talvez excesso de zelo, talvez pelo que o Nelson falou 'centralização/intervenção', transmite a ideia de falta de previsibilidade. Acho que isso tirou do ânimo do empresário em investir. Precisamos voltar a ter previsibilidade. Os 8 anos anteriores foram previsíveis. Bem ou mal, a pessoas às vezes até achava ruim, porque o câmbio estava previsível numa direção só, a direção contrária à produção, mas





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

era previsível e as pessoas conseguem se planejar. Empresário prefere planejamento. Por incrível que pareça, setor financeiro, principalmente banco de tesouraria, adora essa falta de previsibilidade pois são eles que mais ganham nessa volatilidade. O empresário industrial produtivo detesta a falta de previsibilidade. Ele já tem incerteza demais quando ele investe para ter mais uma incerteza que é essa interferência quase que diária tentando acertar, tentando fazer o melhor.

Com relação a população, a gente tem que reconhecer, houve um aumento da inflação, e principalmente para a classe média. A inflação de serviços é mais alta do que a inflação média do IPCA, e essa inflação de serviços se deve, em grande parte, porque o Plano Real, que foi um sucesso, não desindexou a economia e deixou indexações perversas principalmente no setor financeiro e na área de serviços.

(Franklin) - Por que inflação na área de serviços?

(Josué) - Porque talvez precisava privatizar, precisava de dinheiro para fechar as contas públicas. Hoje vai vender o Poço de Libras eles questionam como isso vai entrar nas contas nacionais a venda do Poço de Libras. Se esqueciam que na época para se fechar um superavit primário ridículo, que era um déficit nominal gigantesco, de 6%, 7% do PIB, eles venderam tudo, ou doaram, porque os preços pelos quais o patrimônio foi vendido eram uma loucura de baixos. Então não sei se foi por isso, se era para dar garantia e quem comprasse teria segurança de retorno.

(Paulo Okamoto) - A previsibilidade que você falou.

(Josué) - Talvez tenha sido isso, não sei a razão do porquê não se desindexou. Mas ao não se desindexar, e graças a Deus teve um aumento de consumo e de demanda fantástico, o setor de serviços galopou a inflação e isso eu acho que trouxe essa sensação de mal-estar. Nós estamos fazendo uma mudança macroeconômica que é admirável. Sair de um câmbio de R\$ 1,60 para R\$ 2,30 com um choque agrícola gigantesco — os Estados Unidos perderam 16% da safra de milho no ano passado, isso é equivalente à safra de milho brasileira, e não é qualquer país produtor — e nem assim ter tido uma inflação galopante, é fantástico o que está acontecendo no Brasil. Há uma mudança de variáveis macroeconômicas importantes para a produção nacional, se ela se consolida sem inflação, é de uma magnitude enorme. Mas eu acho que essa sensação de mal-estar da população, de que o bem-estar não está tão grande quanto há 8 anos, acho que é uma inflação principalmente no campo de serviços. Não sei se tem solução para isso, se é fácil falar vamos desindexar. Tem que criar concorrência no setor de serviços, envolve treinamento, envolve Ciência e Tecnologia, Educação, aumento de produtividade.

(Franklin) - Setor de serviços é telefonia, energia?

(Josué) - Serviços em geral, de um corte de cabelo a serviços públicos.



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR  
INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

(Franklin) - Mas por que o corte de cabelo está indexado?

(Josué) - Ele não está legalmente, mas como envolve aluguel, que está indexado, envolve energia elétrica, água...

(Franklin) - Está diretamente ligado a insumos que são indexados.

(Josué) - No campo da população é muito inflação de serviços.

(Presidente Lula) - Também no setor de alimentos, como feiras-livres, chegou a 15% da inflação.

(Josué) - Mas aí veio o choque externo para os alimentos, Presidente. Houve um choque que não é desprezível: 16% da safra americana de milho bate em todas as proteínas, proteína vegetal e animal. Aquilo foi violento. Está arrefecendo agora, mas ela se perpetua através dos serviços porque aumenta o nível de IPCA, o IPCA repercute nos serviços, o IGPM repercute nos serviços, ou seja, vai repercutindo e perpetuando. O Brasil ainda tem uma indexação. Esse problema bateu na classe média e ela ficou meio exaltada. E o caso da previsibilidade achando que tem um excesso de intervenção, ainda como disse o Palocci 'excesso de intervenção pedida'.

Mas quando veio o excesso de intervenção, falou-se 'espera aí, assim também não'. Por isso acho que houve uma certa coalizão — talvez a palavra esteja errada — da classe produtiva com a classe rentista (eu não acho que é porque os juros baixaram). Não acho que a classe produtiva ganhava com os juros — até tem quem é aplicador e ganha —, é mais por causa dessa situação de excesso talvez de intervenção, pelo menos a percebida — não sei se é verdade —, e atribui tudo a um discurso mais fácil que a imprensa repercute, que é esse discurso mais conservador de juros tem subir, estado tem que diminuir. A pessoa entra nisso mais pela facilidade de não pensar muito, entra no caminho da manada junto com todo mundo.

Minha percepção, Presidente, é que precisamos resolver esse problema da percepção de que o Estado hoje tornou-se pouco previsível. Essa sensação não existia há 2 ou 3 anos, pelo contrário, todo mundo tinha previsibilidade com relação aos rumos do Brasil e hoje perdeu-se um pouco. Se conseguirmos num longo prazo, com o aumento de produtividade, melhorar o nível de custos de serviços, também é importante, porque bate muito na classe média, e ela é a grande conquista das conquistas sociais do senhor. Nós criamos uma classe média muito maior do que era antes.

(Presidente Lula) - Depois está difícil para arrumar uma pessoa para fazer qualquer coisa. Está mais difícil que arrumar um médico.

(Josué) - Que também está caro.



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

(Palocci) - Saiu uma matéria falando que 3 mil professores abandonam por ano a rede estadual de ensino de São Paulo.

[Vários falando ao mesmo tempo]

(Franklin) - Acho que de certa forma, nós abordamos o que para mim é uma questão central. O modelo de desenvolvimento que fez o Brasil crescer de 2002 para cá está esgotado ou não? Eu, sinceramente, acho que não, e ele é a base para continuar. Isso nós precisamos ter muito claro porque o discurso da oposição é de que o modelo está esgotado porque na verdade foi um populismo, não se sustenta, e nós precisamos voltar à boa e velha austeridade. Eu ouvi o Pêrsio Arida dizendo que nós precisamos trabalhar para haver um desemprego de 7% porque senão não dá. E não é uma questão só ideológica, que nós fazemos porque é justo, isto aqui se mostrou eficiente e ao meu ver está longe de estar esgotado. Será que no mercado interno não tem por onde crescer porque chegou um grau de abundância de bonança? Não tem nada disso. As pessoas conquistaram muito pouco ainda, nós temos logística para ir para frente, temos inclusão social. Essa questão é a base do que nós vamos fazer, o que nós fizemos e o que queremos para o futuro. Eu acho que tem diferença com relação ao que estava antes. O que o Nelson falou é muito importante. Por mais que a gente promova inclusão social através de distribuição de renda, mesmo sendo o mesmo número, o impacto será menor, porque em termos relativos já tem uma massa que entrou. A inflexão que temos de fazer é complementar a inclusão social com distribuição de renda, que foi a marca desse período, com uma inclusão social de distribuição de oportunidades, que no fundo é o que as manifestações colocaram: mais saúde, mais educação, mais transporte, ou seja, melhorar a qualidade de vida. Isso não é uma coisa diferente do que nós fizemos é um complemento ao que foi feito durante esse período, um aprofundamento do que foi feito nesse período. Nossa visão tem de ser de defesa das linhas gerais que nós construímos ao longo deste ano atualizando para um país que quer mais. O seu documento falou claro, mudar a expectativa. Quem hoje em dia já tem salário, tem três pessoas na família com emprego etc., o que essa pessoa está querendo? Primeiro, ele quer garantir isso por medo de perder; segundo, ele quer que os filhos possam ter; terceiro, dá para ir mais longe do que nós fomos. No final das contas, quando juntamos, tem a ver com o mesmo eixo, mas tem que aprofundar.

Outra questão que eu quero colocar para reflexão é sobre a industrialização e reindustrialização, e quero agregar outra coisa. Concordo plenamente que precisamos discutir o que é industrialização nesse período, mas fico impressionado como nós não conseguimos falar sobre isso, que é o fato que estamos entrando na era da informação e do conhecimento e a era industrial não é mais a mesma coisa que era. Vamos pegar no PIB dos Estados Unidos o que é gerado pela indústria da informação, do conhecimento e da comunicação. É colossal. Nós, aqui no Brasil, ficaremos como? Consumindo o que vem de fora? Vamos investir? Vamos aproveitar a escala que nós temos na América Latina e as possibilidades que nós temos na África? Isso vai ser algo crucial? Da mesma forma que tem inovação, Ciência e Tecnologia, eu acho que tem a questão da era da informação e do conhecimento. E nós estamos a zero nisso, vamos ter claro. Nós nos atrasamos na Cultura, no governo da Dilma. Lamentável. Houve um recuo na Cultura com relação à política anterior — que era uma política bem-sucedida no Ministério da Cultura —, se





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR

INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR

trocou, se botou outras coisas e foi aquele negócio. Questões importantes que estavam na agenda, entre as quais o marco regulatório das comunicações, saiu. Isso não é uma maluquice de ativista que quer fazer censura, isso é fundamental para se poder de fato produzir maciçamente informação e conhecimento. Se nós tivermos que passar sempre um grupo monopolista não vai a lugar nenhum. A discussão do marco civil na internet está na Câmara. O governo dá sinais de que pode recuar da neutralidade da rede se fizer isso. Amplo setor vai para a Marina, seria um desastre. Acabar com a ideia da neutralidade da rede, até nos Estados Unidos se aceita a neutralidade, é entregar para as telefônicas a chave geral da rede. E é um desastre porque eles passam a ter o controle do ponto de vista econômico de tarifas etc. Seria um desatino. Isso é algo que tem de ser muito bem discutido com a Presidente, com o Ministério das Comunicações etc.

De certa forma, eu não fiquei com a questão respondida do "por que parou". Acho que temos de aprofundar mais. Mas está claro que não parou porque o modelo se esgotou, parou por circunstâncias ou talvez por erros de ajustes, coisas que não são nenhum bicho de sete cabeças. Está claro que o espírito animal, em vez de ser despertado, foi adormecido nesse processo, e isso tem a ver com uma questão mais de fundo que não é da economia, é política, disputa política. Nós não fizemos disputa política durante esse período. Nós nos demos por satisfeito com tudo isso. Vamos entrar na eleição e temos de fazer essa disputa política.

Voltando ao que você falou sobre previsibilidade, não foi só o nosso governo, não. Os governos no Brasil construíram uma agenda que se tornou uma agenda do país, e acho isso altamente positivo. Primeiro é democracia, segundo ponto é a moeda, terceiro ponto é responsabilidade fiscal, quarto é crescimento econômico, quinto é inclusão social, agora está na hora de entrar inclusão de oportunidades. Nós temos como organizar um discurso se não cedermos na coisa básica, se acharmos que estamos assim porque esgotou o modelo estamos fritos.

(Presidente Lula) - Veja a dupla política, você que é da Finep, de um lado nós somos obrigados a incluir 25% de etanol na gasolina, de outro temos o **flex**, que você pode usar 100, 90, 80. A pergunta é a seguinte, se nós queremos suprir a gasolina, diminuir, por que não aumentamos por lei de 25 para 30 ou 35 a mistura obrigatória na gasolina?

(Paulo Okamoto) - Porque não tem gasolina, não tem álcool.

(Presidente Lula) - Aí é do nosso domínio. É um jogo político que tem de ser feito. Faça isso e ao mesmo tempo ajuste a gasolina no tempo certo, porque a gasolina terá de ser reajustada pelo bem dos investimentos da Petrobras, que em pouco tempo podemos ter uma saída para isso aqui. Ao perdurar a dúvida, continuaremos cada vez mais a ter de importar gasolina, e cada vez mais o povo está comprando carro, graças a Deus, nem que for para xingar a gente depois na rua. O Brasil já está com 33 indústrias automobilísticas, vem mais algumas para cá não sei para quê. E todo governador está atrás de indústria automobilística. Então esse é um gargalo que nós temos que enfrentar.

[vários falando ao mesmo tempo]





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

(Presidente Lula) Outra coisa que nós poderíamos fazer sobre prestar serviços: toda vez que falamos de crescimento econômico e distribuição de renda lembramos do Bolsa Família e do aumento do salário mínimo. Paulo, quem é que já fez um estudo para identificar o que cresceu na sociedade brasileira e não está no nosso controle é o seguinte: o que significou a legalização do empreendedor individual? O que significou os investimentos do BNB e do Banco do Brasil nos arranjos produtivos locais. O que significou organizar esses catadores de papéis em cooperativas? Porque isso termina sendo serviço! O que isso significou para o Brasil? Acho importante compilarmos isso aqui. A economia não vai parar de crescer, o povo não vai parar de consumir. Aquela Luiza veio aqui, do Magazine Luiza, e disse que a grande maioria das mulheres não têm máquina de lavar roupa, não têm máquina de secar.

(Barbosa) - E o pessoal criticou quando baixamos o IPI.

(Clara Ant) - E muda a vida da pessoa.

(Presidente Lula) - É lógico! E obviamente nós temos que forçar as pessoas a terem isso! Forçar a terem isso! E se não tem como forçar, então precisa de políticas de incentivos para as pessoas adquirirem esses bens.

(Palocci) - Ontem saiu que no Amapá 60% das casas não têm água encanada, máquina de lavar ele...

(Presidente Lula) - Veja uma coisa, Palocci, a Clara está com um documento, aquele do ABC que o Rafael me entregou sobre a pesquisa do consumo. A classe A do ABC, que são 3 milhões de habitantes, da melhor renda deste país, está endividada em R\$ 500,00, a classe B está endividada numa média de R\$ 400,00, significa que essas duas classes estão comprando quase tudo a dinheiro. As classes C e D estão endividadas em R\$ 603,00. Mesmo assim ela está com uma dívida menor que o salário mínimo. Certamente uma boa parte no ABC deve ganhar mais que um salário mínimo, significa dizer que também não é verdade dizer que a capacidade de endividamento das pessoas acabou. O crédito consignado que parecia ser um absurdo... O peão não pode comprometer mais que 30% do seu orçamento. O que ferra o povo brasileiro é o engano do cheque especial e do cartão de crédito. São as duas ilusões da classe média.

(Matoso) (...) o maior endividamento em habitação.

(Presidente Lula) - Mas habitação acima de três salários mínimos, até três é quase nada.

(Paulo Okamoto) - Se a pessoa trabalha e não investe, a pessoa está cortando investimento, será que esse governo é burro? Na minha opinião o governo não tem dinheiro suficiente, pelo menos.





**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

(Presidente Lula) - Mas você perguntou para o Ministro da Fazenda se tinha dinheiro, o que ele falou?

(Paulo Okamoto) - Que tinha. O Brasil foi construído, suponho, com forte investimento público, desses 4% ou 5%, 80% deve ser investimento público. Acho que precisamos nos preparar bem para ver a crítica que as pessoas fazem e ver o fundamento delas. Quem investe no Brasil é o setor público, e o setor privado está desmotivado, porque está endividado etc. Aparentemente isso não é muito errado, mas parece que esse cenário está melhorando. Outro estudo importante a ser feito é essa questão do juro. Há dois trilhões de reais de dívida aplicado no fundo de pensões, como Previ, Funcef etc., está vendo o rendimento dele ir para o saco porque a meta dele vai caindo. Acho que a linha é crescimento com distribuição de renda, mesmo a questão da oportunidade que você coloca é renda. É mais renda para o médico, para a educação, só que alguém vai pagar e se for público será o Estado. Eu sou mais otimista que muita gente aqui porque acho que o país ainda pode crescer distribuindo renda.

(Matoso) Nas questões que todos falaram provavelmente depois se chega a um acordo, o que precisa de investimento na Educação, na Saúde etc. Mas tem uma área que não é questão de investimento, é de articulação entre os estados, municípios e o Governo que é a coisa urbana. E essa precisava de uma proposta pensada — eu não tenho —, uma proposta de como articular isso com um mínimo de credibilidade.

(Franklin) - Para isso tem que mexer no Pacto Federativo.

(vários falam ao mesmo tempo)

(Palocci) Não sei, no Rio de Janeiro, fizemos sem pacto federativo

(Franklin) - Se você vai investir em Educação, a escola primária é do município, a secundária é de outro. Tem que fazer um pacto para ver como vai colocar o dinheiro, esse é o problema.

(Matoso) Pode fazer. O que ali possibilitou é que houve uma articulação política que permitiu enfrentar a questão de segurança.. No geral, nas questões urbanas, não tem isso.

(Paulo Okamoto) - Para uma campanha tem que pensar.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR

INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR

(Presidente Lula) - Há alguns ensinamentos que nós temos que tirar e espero que tenhamos a possibilidade de conversar com a nossa presidenta sobre isso. Essa movimentação de junho, se tirarmos todas as coisas que estão carunchadas, ficar só com as boas, vamos perceber o seguinte: tudo o que foi construído no século XX do ponto de vista da relação entre os entes federados no país pode mudar se a gente quiser. Por exemplo, o transporte coletivo sempre foi um problema só da prefeitura porque era conveniente para o estado federal não mexer com isso. Eu lembro quantas vezes o Elói me procurou dizendo que era um problema social e eu falava 'o problema é seu'. Agora, com esse movimento, deixou de ser dele. O governo do estado e o Governo Federal são quem têm o maior poder de incidência sobre as decisões do transporte: (...1:35:05.5), do PIS, do Cofins, do ICMS do estado, o prefeito não tem nada, só o ISS. Agora temos que assumir essa tarefa e agora a discussão terá de ser entre o Governo Federal, o governo estadual e o governo municipal, ponto um. Ponto dois, a questão da Educação: o governo cuida da universidade, da escola técnica, o estado segundo grau e do fundamental. Isso também vai ter que acabar se quisermos, porque quando nós chegamos no governo e o Paulo Renato estabeleceu a boa política de fazer com que houvesse universalização do ensino fundamental, ele esqueceu que, depois que as crianças completam a oitava série, ela tem que ter sequência. Então nós pegamos 9 estados do Nordeste sem escola do segundo grau! Acho que nós fizemos uma meia revolução na educação brasileira. A começar por uma coisa chamada Aprova Brasil. A pesquisa para medir a qualidade do ensino no Brasil era uma amostragem feita em 400 escolas. Nós passamos a fazer em todas as escolas do Brasil e tivemos uma realidade do povo.

Agora vai ter que se criar um instrumento. O governo federal não tem nenhuma incidência no tipo de educação que a prefeitura de São Paulo dá. No ensino técnico e médio ele pode financiar o livro didático, que é feito pelo Governo para ajudar a Editora Abril. É o maior comprador de livro do mundo! Se nós tivermos inteligência, temos que sentar com nossa presidenta, nossos prefeitos e nossos governadores e propormos uma aliança indicando onde a gente se junta, não apenas na questão do dinheiro, é na questão de discutir a qualidade. São Paulo é tão separatista que criou a USP exatamente para não se submeter à lógica das universidades federais.

E a questão da Saúde é outra coisa que também os três vão ter de se juntar para discutir. Não se trata mais de cumprir a emenda 29 da Constituição que diz que o Estado tem de dar tanto para a União e os municípios tanto. Os municípios que têm dinheiro chegam a gastar 29% quando têm obrigação de gastar 15% com Saúde, porque não é na União que o pessoal bate, bate primeiro no prefeito porque é lá que ele mora; segundo, no Estado; na União é *en passant*. Agora que tudo está no nosso colo, tudo, é o momento de mudarmos a relação com os entes federados. A começar com uma coisa chamada investimento, ou seja, não podemos continuar a tirar do estado o que nós tiramos de juro que eles pagam, quando o bom-senso indicaria que a gente tirar e depois chama-los e oferecer dinheiro para eles era melhor que a gente pactuasse com eles que um percentual que ele tem que pagar para a gente, se já não pagar, e a gente carimbasse lá no que ele vai investir. É o mínimo de bom senso que tem de acontecer nesse momento. Se não podia há 10 anos, agora pode.

Então são três coisas fundamentais para o Brasil e que tem que estar junto entre os três entes federados: Educação, Saúde, Transporte e a quarta que precisa estar junto é Segurança Pública. Não pode mais ser uma coisa só do Estado e Prefeito. Coitado do prefeito até gasta dinheiro com Segurança, mas o cara só pode andar com uma faixinha



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
NÚCLEO DE ANÁLISE –DRCOR/SR/DPF/PR**

**INFORMAÇÃO Nº 120/2018 - DRCOR/SR/PF/PR**

amarela, não pode fazer nada. Nós temos que ver como mudar isso. E a segurança é tão ruim mas nenhum governador abre mão do poder que tem sobre sua polícia, significa que aquilo tem uma utilidade.

Outra coisa, Nelson, você que esteve no governo por muito tempo, mais tempo que eu, é o seguinte: a companheira Dilma veio aqui em São Paulo, e eu que pedi para ela vim, mostrei para ela que São Paulo tem 16 milhões de eleitores e ela precisa ajudar. Ela fez um anúncio fantástico de R\$ 8 bilhões de investimento em São Paulo. Ela vai embora e o Fernando Haddad vem aqui fala "Presidente, se não resolver o negócio PAF - Plano Anual de Financiamento o dinheiro não vem para cá porque eu não tenho R\$ 2 bilhões para dar de contrapartida. Então é um anúncio inexecutável. Daqui a pouco o pessoal está xingando o Haddad.

Eu acho que isso foi um dos problemas que nós tivemos. Tudo começou com a necessidade de fazermos cortes em 2011. Nós decidimos fazer cortes ainda em 2010. Aquele corte de R\$ 50 bilhões do orçamento era desnecessário. A manutenção do arroxo no consumo não podia ser por tanto tempo. Acho que nós erramos no tempo e no espaço. E agora nós temos que pensar nas coisas que o Glauco diz, de não fazer mais do mesmo, e fazer essas coisas novas que precisamos fazer. Apresentar aquilo que não foi apresentado. Com os empresários é para fácil chegar e perguntar onde vocês querem investir concretamente? Qual é a inovação que vocês querem fazer. Vamos fazer um ciclo das coisas que o Brasil exporta e o que ele poderia exportar. Vamos fazer um desafio, porque toda reunião que fazemos com os empresários é uma reunião ao contrário, sempre para ouvir as reclamações dos empresários, e nunca tem nenhuma reunião nossa para reclamar com eles, quem sabe fosse uma inversão de valores. Com os trabalhadores eu fazia isso. Quando o movimento sindical ia conversar comigo eu falava “pedir vocês sabem, agora vamos discutir a realidade aqui”. Eu sou contra agora atender essas questões dos trabalhadores porque em ano eleitoral não tem condições de entrar no Congresso com nada. Aquele Congresso está mais bandido do que no meu tempo e os partidos com lideranças muito piores do que no meu tempo. Qualquer coisa que entrar agora eles vão sangrar o Governo. Eu acho que esse momento está exigindo no fundo mais disposição política nossa em fazer as conversas que nós fizemos em outros tempos. E aí o governo tem que compreender que tem de fazer isso.


Nesse documento, Clara, precisamos de alguém que possa pegar todas as ideias centrais do documento e mandar isso para cada companheiro, ou pegar dois companheiros para fazer esse trabalho.

**(Clara Ant)** – Eu estava fazendo exatamente isso, lendo e focando o que é central. Se alguém pudesse trabalhar junto comigo, o Nelson...

[fim da gravação]

É a informação.

Curitiba, 28 de agosto de 2018.

  
**RODRIGO PRADO PÉREIRA**  
Agente de Polícia Federal  
Matrícula 19.006 - 2ª Classe

